



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

DIALECTO

Indo-Português de Damão

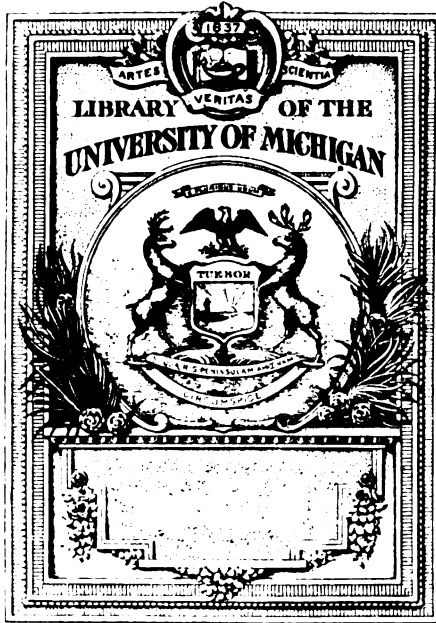
REPRODUÇÃO FAC-SIMILE

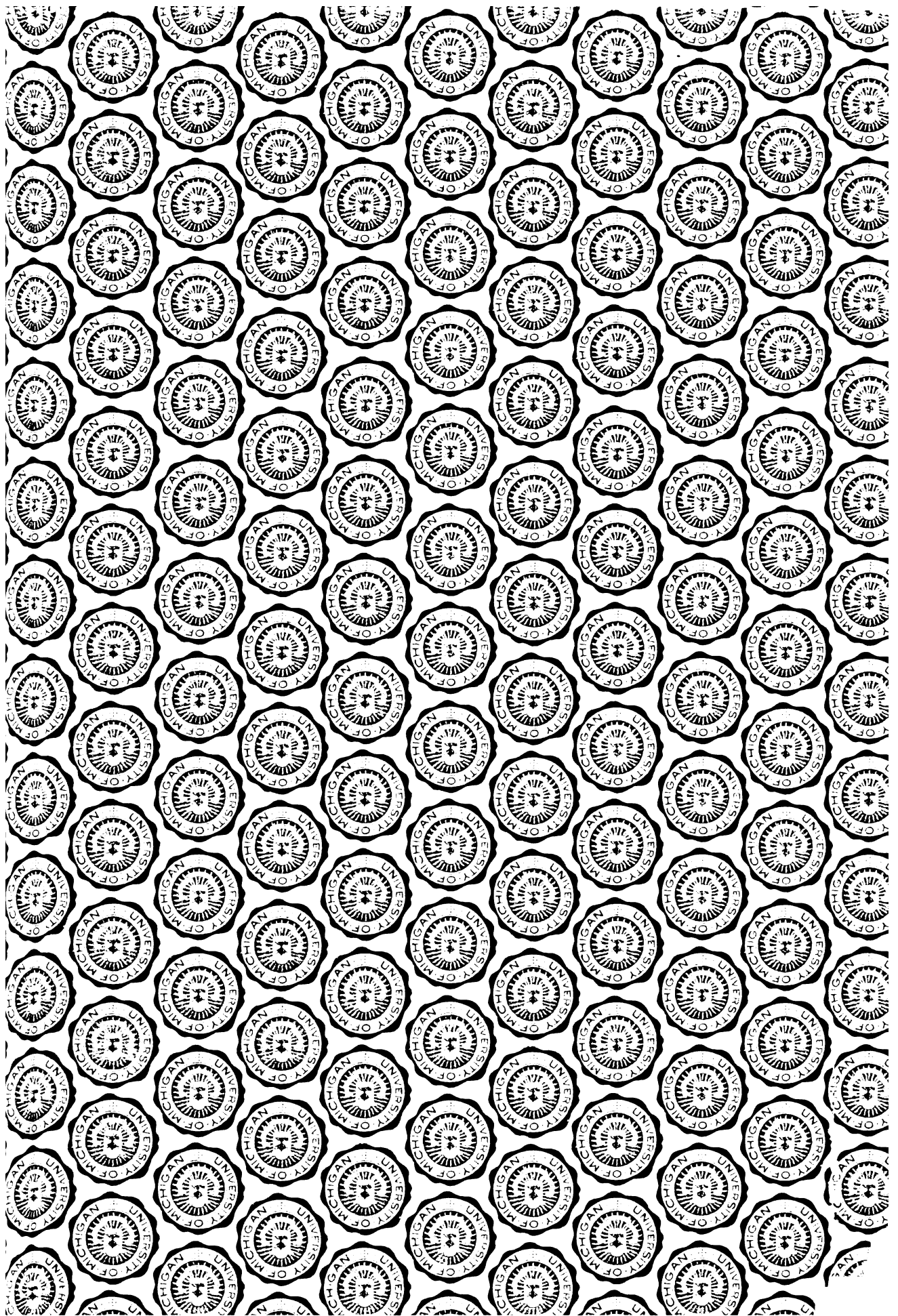
ADORNADA COM O RETRATO DO AUCTOR



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA J. LEITE
Rua Tobias Barreto, 12

1911







8124
I 14
1982



Museu da Língua Portuguesa
officer

SEBASTIÃO RODOLPHO DALGADO

DIALECTO
Indo-Português de Damão

SEPARATA

178

DA REVISTA

TA-SSI-YANG-KUO

國 語 學 刊

(Serie II^a vol. III, n.º 6; vol. IV n.º 2 4 5)



LISBOA

1903

505

869.4
D14
1922







Minor Languages
Leite
7-26-27
15351

Dialecto indo-português de Damão (*)



crioulo indo-português abrange varios ramos, geographicamente distinctos, que, se bem que tem entre si muitos pontos de contacto, apresentam comtudo não poucas diferenças especificas.

O sr. dr. Hugo Schuchardt tratou dos crioulos de Cochim, Diu e Mangalor (1). Eu dei á estampa, como contribuição para o centenario da India, um trabalho desenvolvido sobre o indo-português de Ceylão, que é o dialecto mais importante de todos; e publiquei na *Revista Lusitana* (2) um estudo sobre as peculiaridades dialectaes do portugês de Gôa, que, em rigor, não se póde classificar entre crioulos (3).

O presente trabalho versa sobre o dialecto de Damão, uma das tres possessões que Portugal ainda conserva na India, e onde, conseguintemente, a lingua portugêsa continúa a exercer a sua influencia directa, produzindo, por tanto, diversos cambiantes.

O sr. Antonio Franciscò Moniz Junior inseriu no seu livro — *Noticias e documentos para a historia de Damão* — "amostras do dialecto damanense,, em fórma de can-

(*) O nome de Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado é sufficientemente conhecido dos nossos leitores para que nos detenhamos a apresental-o depois do que a respeito de tão distincto orientalista temos por diversas occasiões dito nesta revista. Só nos resta agradecer-lhe o cumprimento da promessa que nos fez, encetando a sua collaboração com o importante estudo que faz d'um dos dialectos indo-portuguêses, o que representa um valioso subsidio para os nossos estudos sobre os dialectos crioulos extremo-orientaes.

M. P.

(1) Kreolische Studien, II, III, VI. Vid. tambem *Beträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch, Zum Indoportugiesischen von Mahé und Cannanore.*

(2) Vol. VI, 1.

(3) Isto porém não quer dizer que em Gôa não houve ou não ha crioulo propriamente dito, muito circumscripto. Cf. J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une Dialectologie*, 108-A.

ções, nem todas crioulas, e de uma fabula. O sr. dr. José Leite de Vasconcellos analysa grammaticalmente esta fabula ("ce n'est que celle-ci qui est en vrai créole,") na sua these doutoral — *Esquisse d'une Dialectologie portugaise* — onde tambem trata de outros ramos do indo-português, baseando-se nos textos até agora conhecidos (1).

Um amigo meu, que não quer que o seu nome seja conhecido, obteve-me com diligencia muitas fabulas, alguns adagios e adivinhas e uma traducção livre da parabola do Filho Prodigio, feita sobre o texto da *Selecta* de Caldas Aulete e ministrou-me esclarecimentos valiosos (2).

O sr. Moniz, que foi meu condiscipulo em Bombaim em *St. Mary's Institution*, teve igualmente a amabilidade — e aqui lhe testemunho o meu reconhecimento — de me mandar outra versão da parabola, infelizmente tambem livre, e mais textos alguns compostos por elle proprio, e acompanhados de notas explicativas (3).

Não tendo nunca estado em Damão, nem ouvido fallar o seu crioulo, é nesse materiaes e elementos que se baseia o meu estudo, que, naturalmente, deve ser incompleto e talvez inexacto em algumas generalizações e inferencias. Sirva, a menos, como especimen, como os que nos deu o sr. Schuchardt dos outros crioulo

O dialecto de Damão, junto com o de Diu, de que muito se approxima, póde ser considerado com um dos sub-dialectos do crioulo *norteiro* ou, como é denominada na India, português dos norteiros, que os tem muitos, com variantes de maior ou menor importancia, na presidencia de Bombaim (4).

O crioulo de Damão é usado como lingua materna e domestica pela população catholica, formada de diversos elementos, a qual orça por dois mil, bem assim por muitos pagãos, que o aprendem em convivio com os christãos. A lingua gujarati ou guzerathe, que é indigena, póde passar, em muitos casos, por semi-materna, visto que se adquire quasi simultaneamente o seu conhecimento. Cumpre tambem não desconhecer a influencia do concani, fallado por familias e individuos oriundos de Goa.

O uso do crioulo na igreja limita-se ao confessorario com respeito á classe analphabeta, pois os que tem alguma instrucção procuram exprimir-se em português menos dialectal.

O crioulo macaista, posto que não pertença ao grupo dos indo-portuguêses, tem muitos traços communs, assim na grammatica, como no vocabulario; e isto por tres razões: a identidade da fonte d'onde procedem, pois todos representam o português popular, especialmente do Sul, dos seculos XVI e XVII; as leis geraes que presidem á formação e regulam a evolução de semelhantes dialectos; e a mutua influencia, sobretudo lexica, pelas relações outr'ora tão frequentes entre a India e Extremo Oriente (5).

(1) Excepto a respeito do dialecto de Ceylão, para o estudo do qual se serve de materiaes e textos directamente por elle da boca de um indigena.

(2) O sr. Schuchardt suggeriu a versão litteral da parabola, em cada crioulo, como um dos meios para o estudo comparado.

(3) As contribuições do primeiro vão notadas com a letra A e as do segundo com a letra B.

(4) Tenho quasi prompto um trabalho sobre este crioulo, tal como é fallado em Bombaim e nos suburbios.

O estudioso e infatigavel director d'esta revista já se referiu mais de uma vez ao português norteiro nos seus interessantes *Subsidios para o estudo dos dialectos crioulos do Extremo Oriente*, que pena é que estejam interrompidos, pois havia muito que explorar nesse vasto campo.

(5) Vid. o *vocabulario*. Abstenho-me de amiudadas referencias analogicas na parte grammatica.

A) Phonologia

A feição mais característica do dialecto damanense, como a do noroeste, é a supressão de phonemas em diversas posições, extensamente practicada, em obediência ás leis de brevidade e do menor esforço

Aphérese:

a) de *a* em syllaba independente (1): *cabi* = acabar, *cordá* = acordar, *pagá* = apagar, *panhá* = apanhar, *bobra* = abobora. Em *raucá* = arrancar, *ranhá* = arranhar, *rependê* = arrepende-se, desapareceu juntamente o *r* seguinte, por o *r* dobrado quasi equivaler na India, bem como em Macau, a *r* singelo,

b) de *o* em *cajão* = occasião;

c) de *v* (= *w*) antes de vogal labial (por assimilação): *óss* = vós, vosso, *ussé* (< * *ossé* < * *wossé*) = você (2);

d) de syllaba consonantica composta *tá* = está (por intermedio de *stá*); *tava* ou *ta* = estava

Syncope:

1. de vogal atona em polysyllabos.

a) de *a* pretonico: *amblá* = abalar, *caçri* < *caçari* = caçaria: caçada; *cam'rád* = camarada, *curçã* = coração, *Joquim* = Joaquim, *pae-vó* = pae-avô: avô paterno; — de *a* postonico: *bufá* = bufalo.

b) de *e* pretonico: *caflá* — acafelar, *esprá* = esperar, *testmunh* = testemunha ou testemunha;

c) de *i*: *atrá* = atirar, *habildad* = habilidade, *quet* = quieto; *s'ur'jão* = cirurgião, *cajão* = occasião, *fujão* = fugião (3). Em *includ* = incluído a supressão é do *i* tonico;

d) de *o* em *tambrát* = tamborete, e nos esdruxulos: *arvr* = arvore, *camphr* = camphora, *phosphr* = phosphoro (4), *bobra* = abobora;

e) de *u*: *rabjent* = rabujento, *Manel* = Manuel; *ocl* < * *oclo* = oculos,

2. de consoante: *s* em *mem'* = mesmo; *r* em *Gitruud* = Gertrudes e *surjão* = cirurgião; *t* em *tanin'* = *tantin'* < *tantinho*: tantito, poucuchinho (5);

3. de syllaba em *necidad* = necessidade, e em compostos: *muced* ou *muzed* (< *mutced* < *mítu-cêdu*) = muito cedo, *fifis* = *filh-filh*: filhos, *al'ma-côz* (syllaba tonica) = alguma coisa (6).

Apocope:

1. de vogal atona simples oral, antecedida de consoante.

a) de *a*: *agor* = agora, *boc* = boca, *caz* = casa, *vac* = vaca;

b) de *e*: *aquel* = aquelle, *bastant* = bastante, *ond* = onde, *sang* = sangue;

c) de *o*: *bich* = bicho, *filh* = filho, *don'* = dono, *ferr* = ferro;

(1) Tendencia commum dos dialectos colonias

(2) O contrario se dá frequentemente no crioulo de Diu. Vid. Schuchardt, *Areal. Stud.* III.

(3) O *j* absorve o *i* pretonico subsequente, como o *x* o antecedente

(4) O *r* nestes exemplos é muito tenue

(5) Nos tres ultimos exemplos, por dissimilação

(6) *Al'ma coisa* popular no continente. Tambem em Góa.

2. de vogal antecédida de outra tônica: *aldê* (< *aldéa*) = aldeia, *di* = dia, *ti* = tia, *peçó* = pessoa, *su* = sua, *chapé* = chapéu;

3. de nasal postônica simples: *hom'* = homem, *hont* = hontem, *ord* = ordem, *viaz* = viagem. Em *ningó* = ninguém a nasal é tônica;

4. de duas vogais em palavras proparoxytonicas:

a) de *ea*: *fem'* = fêmea, *varj* < *vargea* = varzea;

b) de *ia*: *histór* = história, *mubil* = mobília, *notiç* = notícia.

c) de *io*: *rusdr* = rosário, *vigár* = vigário

Nos paroxytonos *io* ditonga-se, como em Lishôa: *riu* = rio, *tiu* = tio, *vasiu* = vasio. Mas *fri* = frio.

d) de *ua*: *ag* = água, *eg* = egua, *leg* = legua. Mas *lingo* = língua (1);

5. de vogal junto com a líquida (*l* ou *r*) da consoante composta:

a) de *a*: *culat* = culatra, *palaw* = palavra;

b) de *e*: *bet* = betle, *pad* = padre, *pob* = pobre, *semp* = sempre, *tig* = tigre.

c) de *o*: *dent* = dentro, *ót* = outro,

6. de consoantes:

a) de *r* nos verbos, em geral: *sé* = ser, *fichá* = fechar, *pedi* = pedir;

b) de *l*: em *cari* = caril (2), e, com a vogal antecédente, em *miserav* = miserável;

c) de *d*: *pó* < *pód* = póde (em proclise. *eu num pó paga* = não posso pagar) *un'* < *und* < *ond* = onde;

d) de *s* radical: *doi* = dois, *dupos* = depois, *ma* = mais; e com a vogal antecédente: *amb* = ambos, *ant* = antes;

7. de syllaba consonantica:

a) precedida de consoante, com reforçamento d'esta; *céss* = cesto (differe de *sés* = seis), *póss* = posto (differe de *pôç* = poço), *féss* = festa, *juss* = justo, *éss* = este (3).

b) da postnasal (por assimilação); *ban'* (< *band*) = bando, *redon'* = redondo, *pen-san'* = pensando (4).

c) da syllaba do paroxytono (em proclise): *pa* = para, *ha* = hade;

d) da syllaba do esdruxulo, junto com a vogal antecédente: *paráb* = parábola, *temp* < *temp'* < *temp'ra* = témpera por *temp'ro*.

Prothese de a em anót (á noute) = noite, *alá* = lá.

Epenthese de b em cambel = camelo, *cambr* (< *cam'r*) = camara, *cambrão* (< *cam'rão*) = camarão; de *u* (suarabacti) em *murúch* = murcho.

Paragoge: de *i*, depois de vogal tônica, em *dá-cai* = dá cá; de *a*, na consoante postônica, por emphase: *soldada* < *soldad* = soldado, *raminha* < *raminh* = raminho, *cidade* < *cidad* = cidade (5).

(1) Talvez para se não confundir com guzerathe-sanskrito *ling* (लिंग, *penis*).

(2) O etymo é *kadhī* (कढी) ou *kari* (करी), como o de *candil* é *Khāndi* (खान्दी), sendo nestes dois casos o *im* normal substituído por *il*. O plural do *candil*, em Gôa, é *candis* ou *candins*.

(3) O demonstrativo *esse* é desconhecido nos crioulos

(4) A nasal dental do participio degenera ás vezes em nasal illitteral (resonancia nasal): *pas-san'* (= passando) > *passam* = *passã*.

(5) No crioulo de Ceilão a ou o depois da líquida; na linguagem popular do continente e, i ou u.

Metathese: *drumi* = dormir, *otordí* = outro dia, *pirciz* = preciso, *pirmér* = primeiro, *profiá* = porfiar, *imbrucad* = embochado.

Atenuação:

I. de vogal atona simples oral:

1. de *a*: *a*) em *e*: *serezão* = semrazão; b) em *i*: *janél* = janella; c) em *o*: *uvos* = uvas (influencia de *v*); d) em *u*: *pu* < *pa* = para;

2. de *e*: *a*) em *i*, mórmente na syllaba inicial: *illót* < *ill-ótr* = elles outros: elles; *istai* < *ess-lai* = esta laia: tal, semelhante; *fichá* = fechar; *chigá* = chegar, *sinhor* = senhor (1); *piquen* = pequeno, *ptnhor* = penhor; *qui* = que; *crispo* (vogal tónica) = crespo; b) em *u*: *dupoi* = depois (2);

3. de *o* inicial e medial em *u*: *ulhá* = olhar, *urvalha* = cavalho, *ussé* = você; *butá* = botar, *muból* = mobilia, *subrin'* = sobrinho.

II. de vogal simples nasal:

1. de *ê* inicial em *i*: *imbrú* = ombrulho, *injoelh* = em joelhos, *imbór* = embora, *in-chá* = encher, *inforó* = enforcar. Tambem *sintid* = sentido;

2. de *ô* em *ú*: *sumbrér* = sombreiro, *cum* = com (tambem usado), *vnd* (nasal tónica) = onde, ao lado de *ond*.

Simplificação de ditongos:

1. de *ai* antes de *x* em *a*: *bachá* = baixar, *bax* = baixo, *cax* = caixa (3);

2. de *ei*: a) em *é* fechado (4): *fét* = feito, *palmér* = palmeira, *ré* = rei, *quexá* = queixar-se (influencia de *x*); b) em *i*: *bijá* = beijar, *dixá* = deixar (influencia da palatal); tambem *dexá*; *fitiç* = feitiço. Em *aldé* = aldeia, *alhé* = alheio, *ché* = cheio, *mé* = meio, *vé* = veiu, cae, além d'isto, a vogal seguinte;

3. de *ou*: a) em *ô* fechado (5): *côz* = cousa, *póc* = pouco, *nót* = noute, *róp* = roupa, *só* = sou; b) em *u*, na syllaba pretonica: *uvi* = ouvir, *pusá* = pousar (6);

4. de *ua* (ditongo ascendente): a) em *a*: *gardá* = guardar, *cand* = quando, *catr* = quatro; b) em *o*: *corent* = quarenta, *coresm* = quaresma (7);

5. de *ui* ou *úi* (ditongo descendente) em *u* ou *û* (8): *mut* ou *mnt* = muito, *rundad* = ruindade;

6. de *ôo*: a) em *ã* (em proclise) *nã* = não; b) em *û*: *nũ* (mais usado) = não, *mũ* = mão. Mas *niquer* = não quer.

Em final não se ditonga, como em gerai no continente; conserva o som archaico: *bem* = *bê*, não *bêi* ou *bâi*, *tem* = *tê*, não *têi* ou *tâi*.

Desenvolvimento:

1. de *o* tónico em *ara* = ora (interjeição);

(1) O *i* de *fichá*, *chigá* e *sinhor* explica-se pela influencia dos palataes *ch* e *nh*.

(2) Influencia da labial *p*, como *suvada* = cevada, *suparar* = separar no Alemtejo. Cf. J. Leite de Vasconcellos, *Dial. alemtejo.*, VIII, 29-d.

(3) O *x* absorve o *i* antecedente, embora a syllaba seja tónica, — facto que se dá tambem noutros crioulos.

(4) Phenomeno commum.

(5) Tendencia geral.

(6) Cf. *cusa* = cousa em Macau.

(7) Popular no continente.

(8) Tambem no Alemtejo.

2. de *e* atono em *a* em *launtá* = levantar, *e* de tônico em *inchi* = encher (1);
3. de *z* em *ã*: *antão* = então, *santá* = sentar-se.
4. de *ũ* em *i* (por assimilação): *imbig* = umbigo.

Vocalização e ditongação:

1. de *l*: a) em *i*: *imbrú* < **imbrul* < *imbrulh* = embrulho; b) em *u*: *augum* = algum;
2. de *v* intervocalico postônico, caindo a vogal seguinte: *adiu* = adive (adibe), *trau* = trave, *estau* = estava, *deu* = deve, *nou* = nove. Também *palau* = palavra. Em *faór* = favor, *leóu* = levou, o *v* assimilou-se á vogal seguinte; e caiu em *jaéu* = já veio. Em *launtá* = levantar, porém, o *v* vocalizado eliminou a vogal subsequente.

Palatização:

1. de *l*, acompanhado de *i*, em *balhá* = bailar (2), *quisilh* = quisilia, *inquísilho* = quisiliár;
2. de *ç* em *x*: *muzed* = muito cedo;
3. de nasal tónica em *jardinh* = jardim.

Despalatização:

1. de nasal atona final: *mim* < *minh* = minha, *tim* = tinha, *subrin'* = sobrinho, *tu-nin'* = tantinho, *imbrú* = embrulho, *fifis* = filhos-filhos;
2. de nasal pretonica em *quião* = quinhão;
3. de *x* em *ç*: *lagartiç* = lagartixa.

Nasalização:

1. de *a* atono em *amblá* = abalar, *manjor* = major (influencia da nasal), *e*, com deslocção do accento, em *mandá* = mana (3);
2. de *i* atono medial (influencia da nasal): *Minguel* = Miguel, *Vincent* = Vicente (4); de *i* tônico final: *vim* = *vi* (vir), *durmin* = *durmi* (dormir), *joguim* = *jogui* (jogue) (5);
3. de *lh* em *minhor* = melhor.

Denasalização:

1. de *ão* em *nad* = não hade, *niquer* não quer;
2. de *ê* em *té* = tem, *sezeão* = semrazão, *ningó* = ninguém;
3. de *ũ* em *nuc* = nunca *cu* < *cum* = com.

Mudança de consoantes:

1. de *v* em *b*: *bam'* < *vam'* = vamos, *avan'* = abano (6).
2. de *l* em *r*: *bufrinh* (diminutivo de *buf*) = bufalinho;

(1) Talvez por influencia de *inchar*.

(2) É provavel que tenha sido importado do continente, onde é popular.

(3) Desloca-se igualmente o accento em *sinhorá* = senhora, na poesia.

(4) Também em Góa

(5) O *i* tônico final dos vocabulos indianos nasaliza-se, de ordinario, na sua passagem para o portugês: *palaquim* < *pálki* (पालकी), *canarim* < *kāndi* (काण्डी), *mordezim* < *modzi* (मोडशी)
Vid. *Hobson-Jobson*, p. XVIII. Diz-se também, em Góa, *bambum* = bambu, pl. *bambuns*.

(6) Sem *h* *vam'* daria *am'*. *Avano* por *leque* é usado em todo o oriente, provavelmente levado nesta fórma do reino.

3. de *r* em *l*, por dissimilação: *almár* = armario;
4. de *j* em *z*: *visiar* = vigiar, *viaz* (< * *viãj*) = viagem, *igréz* = igreja;
5. de *z* em *j*: *cajão* = ocasião, *varj* < *vargea* = varzea.

Peculiaridades de phonemas:

Não ha vogaes surdas no indo-português, como *a*, *e*, *o*: são longas ou breves. *E* e *o* são, além d'isto, abertas ou fechadas, degenerando ás vezes, quando atonas, em *i* e *u*, respectivamente: *sinhor* = senhor, *pinhor* = penhor; *butá* = botar, *tucá* = tocar.

Ch conserva o som archaico, como no Norte de Portugal; distingue-se, por tanto de *x*: *batchá*, não *baxá*, *tchá*, não *xá*.

J é explosivo, como em inglês, e não fricativo, como em português (1).

R inicial não é vibrante, sôa como o *r* medial: são phoneticamente eguaes os *rr* de *raro* ou *rar*.

V é semivogal, como no devanágari, equivalente ao inglês *w*.

S medial (não intervocalivo) e final (este de rara occurrencia no dialecto damanense) é sibilante, como o inicial, e o *z* tambem em qualquer posição não muda de som.

Ha termos exóticos que conservam a sua pronuncia peculiar: *markit* (*t* cacuminal) do ingl. *market*, *pipirmít* do ingl. *peppermint*, *chaná-kurmuri* do guzerathe.

Esdruxulos:

Não ha esdruxulos nos crioulos norteiros, como os não ha nas linguas neoricas (2); no de Damão reduzem-se, bem como os paroxytonos, a oxytonos: *bufl* = bufalo, *arvr* = arvore, *famil* = familia, *parib* = parabola, *vigár* = vigario.

Compostos:

Uma das tendencias mais pronunciadas do dialecto de Damão é formar compostos, *amore brevitatis*, de particulas, nomes e pronomes. Nesta composição occorrem muitas alterações phoneticas; conserva-se em geral a primeira syllaba ou consoante do primeiro membro. Eis alguns exemplos: *islai* < *ess lai* < esta laia: d'esta laia, tal; *pislai* < *pa-is-lai*: para tal; *perél* ou *prél* < *par-el* = para elle; *pro-si* = para si, *pro-ussé* = para você; *muzed* = muito cedo.

Os nomes hypocoristicos, largamente usados, denunciam tambem notaveis modificações phoneticas: *Antú* = Antonio, *Manim* = Manuel, *Fanchi* = Francisco, *Lujú* = Luiza, *Fulú* = Philomena, Florinda ou Florencio.

B) Morphologia

Nomes.

Não ha, em regra, distincção formal de genero nem de numero: *est velh* = esta velha; *port jinél tinh fichad* = as portas e as janellas estavam fechadas. A razão está na quéda da vogal ou syllaba final.

O genero, quando é necessario determina-lo, designa-se por *mach* e *fem'* ou *muller*: *bufl fem'* = bufala; *doi criad muller* = duas creadas.

O numero deprehende-se do contexto: *port jinél* = portas e janellas; *deu calçá sapat* = deu sapatos para calçar; *par cumé com su amig* = para comer com os seus

(1) Tambem no macaista.

(2) Excepto o singalês, se é que pertence a esta familia.

amigos; ou indica-se pelo numeral ou pelo adjectivo quantitativo: *catr di* = quatro dias; *doi lai mantég* = duas laias (especies) de manteiga; *basant ramad* = bastantes (muitas) ramadas (latadas); *tud criad* = todos os creados.

Não falta porém, excepcionalmente, a formação regular com o acrescentamento de *-s* ao thema: *muís arvrs* = muitas arvores, *estis amígs* estes amigos.

A formação do plural por reduplicação do substantivo, que se dá nos crioulos macaísta e malaio, por reflexo das linguas indigenas, não se admite no indo-português. Os dois exemplos que se notam nos textos damanenses — *físis* e *parent-parent* — não representam a reduplicação propriamente dita do singular, mas tem outra significação e diversa explicação

Nos idiomas neo-aricos, que reconhecem o plural terminacional (1), *paes*, plural de *paé*, não é equivalente a *paé e mãe* ou *paes e mães*; *filhos*, a *filho e filha*; *irmãos*, a *irmão e irmã*: mas designam a pluralidade de individuos do sexo masculino, como *pères* em francês, *padri* em italiano, *fathers* em inglês. É indispensavel, por tanto, particularizar ambos os sexos: *paé e mãe* ou, antes, *mãe-paé* (2), *filha-filho* (3), *irmão-irmã*, *marido-mulher*: ou abrange-os sob a terminação plural neutra, se a palavra for d'ella susceptivel, reforçando-a, de ordinario, por synonymia (4). Ora o plural de *mãe-paé* é *mãe-paes*, de *filha-filho*, *filha-filhos*.

Transportada esta doutrina para os crioulos do Norte, que, normalmente, não expressam a idéa de pluralidade por flexões, temos: *paé-mãe* = *paes* (5), *marid-mulher* = conjuges (6), *parent-parent* = parentes e parentas: parentes; *físi* = filho e filha filhos; *físis* = filhos e filhas: filhos (7)

Mas *parent-parent* do crioulo de Damão póde bem ter outra razão de ser, que não a sexual, como certamente a tem *mulher mulher* do de Diu, e *senhor senhor* do de Cochim. É de frequente uso, na linguagem familiar indigena, a repetição do substantivo, mórmente na fórma plural, com ligeira alteração do phonema inicial, para tornar o conceito mais *comprehensivo* e *emphatico*; como em concani: *soyré dháyré* (सायरीधायरी masc pl.) ou *soyrim-dháyrim* (सायरीधायरी neut. pl.) = parentes: todos

(1) A desinencia é sempre em vogal como em italiano. Ha porem muitos substantivos invariaveis.

(2) *Má-báp* (माबाप) em guzerathe; *máy-báp* (मायबाप) ou *ái-báp* (आईबाप) em maratha; *máy-báp* ou *ávay-bápuy* (आवयबापूय) em concani; *má-báp* (ما باب) em hindustani

(3) Cf *dhávrputr* ou *dhávrpit* (ध्रुवपुत्र, ध्रुवपुत) em concani < sausk. दुहितु पुत्र.

(4) Como, por exemplo, em guz *chhokrám* (छोकरां); em mar. *mulem-bálem* (मुल्लंबाळें), *porém-bálem* (पारंबाळें), *mulem lemken* (मुल्लेंलेंकरें); em coar *burgim balam* (बुरुगाबाळों) = creanças de ambos os sexos. Cf tambem em conc. *Evachim baikam* (एवेचीं बाळकां) = filhos de Eva, *ghurchim* (घरचां) = pessoas de casa: familia.

(5) Vid. *Dial. indo-port de Ceylão*, p. 29

(6) *Marid-mulher* temos nos nossos textos

(7) Ambas as fórmas — *físi* e *físis* — são ao presente indistinctamente empregadas, ou prevalece só uma em certas partes. A locução parece ter umando do plural, passando pelo seguinte processo: filhos e filhas > *filhos filhas* > *filh filhas* > *is-plhs* > *fi-fis* > *físis* > *físi*. No crioulo de Ceylão apparece *filhos-filhas*, bem como *físi*, *físis*, *físes*, *físeis*, *jeses*.

os parentes, parentes e adherentes; em maratha *kaché-baché* (कचेत्रचे masc. pl.) = todas as creanças, as creanças e os de mais; *bhákri bhikri* (भाकरोभिकरी fem. sing.) = *apa et caetera*. A reduplicação, por conseguinte, não pluraliza o nome, mas ajunta-lhe, seja plural ou singular, uma idéa accessoria (1) E os crioulos, neste caso, repetem integralmente a palavra, já considerada plural sem auxilio de flexão.

Diminutivos peculiares *cavallinh* = potro, *boisinh* = bezerro, *vaguinh* = vitella, *cachorrinh* = cachorro (2), *cabritinh* = cabrito, *tann'* = *'antinh* = poucuchinho (3).

Comparativo regular: *mai bom* (pouco usado) = melhor

Nomes de numero:

Os cardinaes são: *um, doi, tres* ou *trê, catr, cinc, ses* ou *sei, sét, ôit, nou, dez, onz, dôz, trêz, catôrs, quinz, disseis, dissét, dizôit, diznou, vint, vint i um, vint-i-doi, trint, trint-i-um, corent, nocnt, um cent, doi cent, trê cent, catr cent, cinc cent, um mil.*

Ordinaes *primér, segund, tercér, cart, quint, sêst, setmo, oitau, non, deçmo*. Faz-se pouco uso dos ordinaes.

Pronomes:

E' desusado o pronome *tu* e o seu possessivo *teu*. Emprega-se em seu lugar *óss* = vós, vosso, ou *ussé* = você

O plural de *él* = elle ou *ella* (4) é representado por *illôl* = elles outros, e o da primeira e segunda pessoa confunde-se phoneticamente com o possessivo: *nóss* = nós, nosso, *óss* = vós, vosso.

Não ha casos pronominaes, excepto *mim*. *Lhe* acha-se estereotypado no verbo *dalh* = dar-lhe: bater. *Se* apparece só no composto *pro-si* = para si. *Commig* occorre uma ou outra vez (5).

Os possessivos da primeira pessoa singular e da terceira empregam-se, como nos outros crioulos, na fórma feminina: *minh* ou *mim* = minha, *su* = sua. *Minh filh* = meu filho, *su pae* = seu pae. Mas *meu pae, meu jardinh, meu pét* (peito) nos textos.

D'óss = de vós emprega-se a miudo por *vosso*, antepondo-se ás vezes ao substantivo: *vae par d'óss caminh* = vae pelo caminho de vós: segue o teu caminho; *d'óss barrig é piquen'* = a vossa barriga é pequena.

Pronomina reverentiae: *óss* = vós (por *tu*) e *ussé* = você; *bái*, só para mulheres (6)

Outros pronomes: *ést* ou *éss* = este, esse (7), isto, *aquêl* = aquelle, *islai* = tal, semelhante, *ôtr* ou *ôt* = outro, *mem'* = mesmo; *augum* = algum, alguém, *ningô* = ninguém (mais usado), *tud* = tudo todo, *tud-doi*; *ambs doi* = ambos, *tud qui cors* = tudo que, *qui* = que, o qual.

(1) Vid. Navalkar, *The student's Marathi grammar*, § 348

(2) Diminutivo do diminutivo, aparentemente, pois *cachorro* está nos crioulos por *cão*, como *cabrito* por *cabrão*, *bode*

(3) *Piquenim'* tem muitas vezes a significação de pequeno

(4) Note-se que *B* distingue *él* = elle de *él* = ella

(5) Cf. *minh junt* = commigo, *d'óss junt* = comvosco

(6) Tambem é pronome honorífico, como no norteiro, correspondente ao português *dona* *bai* *Gi-trud*, *bái* *Anall*.

(7) *Éss* é o mesmo que *ést*, por assimilação.

Artigo:

O artigo definido, pouquissimo usado (phenomeno commum), encontra-se só na fôrma masculina singular: *o ré* = o rei, *o adiu* = o adibe, *o tig* = o tigre, *o vac* = a vacca. *Hom' fallô* = o homem fallou; *ré vei* = o rei veiu.

Os demonstrativos fazem frequentemente as suas vezes, como nas linguas vernaculas: *aquel mai piquinin'* = o mais pequeno; *aquel hortelão ficô méd* = o hortelão ficou com medo (1).

Apparece, contudo, junto com preposições em uma e outra fôrma singular, indistinctamente: *ao hom'* = ao homem, *ao rainh* = á rainha, *no cest* = no cesto, *no gaiol* = na gaiola, *na barrig* = na barriga, *na déd* = no dedo, *na pé* = nos pés.

Verbo.

O infinito de todos os verbos perde a consoante final, como acontece nos de mais dialectos coloniaes, inclusivè o verbo *ser* = *sé*. Mas *par cumer* = para comer, *já foi durmir* = foi deitar-se.

Ha alguns verbos que são usados na flexão da terceira pessoa do pres. indic. pelo infinito, o que se dá tambem nos outros crioulos: *tem* ou *té* = *ter*, *vae* = *ir*. *Ningum pôd vae* = ninguém pôde ir; *com'eu ha vae?* = como hei de eu ir?

Cae a syllaba final do participio do presente: *fallan'* = fallando, *sintin'* = sentindo, *passâ* = passando.

O presente do indicativo representa-se:

1. com o simples infinitivo (mas é pouco usado): *eu morrê* = eu morro, *eu fazê sirviç port port e enchê minh barrig* = sirvo de porta em porta e mantenho-me.

2. com a terceira pessoa do singular, supprimindo-se a vogal final (nos verbos muito usuaes): *pôd* = pôde, *sab* = sabe, *respond* = responde, *import* = importa (2).

3. periphrasticamente:

a) com o auxiliar *tá* = está e o infinito: *tá amblá* = está a abalar-se: mexe-se; *ós tá chamu* = chamaes; *tá pertencê* = pertence;

b) com o auxiliar *tem* ou *té* e o participio do presente: *tem curren'* = está correndo: corre; *té doen'* = está doendo: doe; *tem fallan'* = falla (3).

A desinencia *-ava* do imperfeito da primeira conjugação attenua-se em *au*: *an; dau* = andava, *ficau* = ficava.

O imperfeito das outras conjugações obtem-se por periphrase, á similhaça do segundo presente periphrastico (*ten*): *tinh curren'* = estava correndo: corria; *tinh saun'* = saia, *tinh ind* = ia.

Ha tambem vestigios do imperfeito formal d'estas conjugações: *t* = *ia*, *pudi* = podia, *queri* = queria, *fazi* = fazia.

O perfeito definido da primeira conjugação termina em *-ô* = *ou*, sendo ás vezes acompanhado de *já*, emphatico ou redundante: *entrô* = entrou, *começô* = começou, *eu tant jó fallô* = eu tanto disse, *eu num fallô* = não fallei; *num já regô* = não regou, *num já inchô* (< *inchô*) = não se encheu.

(1) «*Ess gent fez um gaiol... e dent d'ess gaiol dixô um cabrit, e qui ess gaiol fêl com habilidad, qui log qui entr ess lig, fech aquel pôrt.*»

(2) Tambem: *atá, vae quer, niquer.*

(3) Elimina-se em certos casos a particula do presente: *par-mim (tem) sintin' mul fom'* = anto muita fome; *eu (té) dan' minh palau* = dou a minha palavra.

O das outras é regular: *pediu, responden, num dromiu* = não dormiu. Mas *já resolvê* = resolveu.

Não se emprega o preterito indefinido.

O mais-que-perfeito ocorre só uma vez nos textos: *tinh andad* = tinha ido.

Encontram-se muitas flexões irregulares, além das dos auxiliares: *vêj* = veja, *diss* = disse. *foi de ir, já-éu* = já veio, *já deu* = deu, *já delh* (< *dalh* < dar-lhe) = bateu. Mas *fazeu* ao lado de *fez*.

O futuro é sempre periphrastico, sendo o *logo* ou *ló* dos outros crioulos substituído por *ha* = ha de (1): *ha chigá* = ha de chegar, *ha cumê* = ha de comer.

O futuro negativo forma-se, á maneira dos outros ramos, com *nad* (*n'had*) = não ha de: *nad cumê* = não ha de comer. Também *num ha cumê*.

O condicional, pouco usado, é expresso por *havi* = havia de: *havi succedê* = havia de succeder: succederia; *havi pedi* = pediria.

Tambem os verbos não tem diferença formal de pessoas e numeros: *eu num pód* = não posso, *eu é grand* = eu sou grande, *eu tant já fallô* = tanto disse eu; *ests amigs ulhó* = estes amigos viram; *óss niquer fallá ond vae* = vós não quereis dizer aonde ides (2). Mas: *adiu chigó junt d'els, qui staus* (pl. de *stau*) *proñan'* = o adibe chegou-se ao pé d'elles, que estavam porfiando.

O imperativo, quer positivo, quer negativo, não differe do infinito: *acudi par-mim, ulhá minh filh, fazê caridad* = acudi-me, vêde minha filha, fazei a caridade; *óss turcê gargant de gall e fallá pu velh* = torcei a garganta do gallo e dizei á velha; *num regú* = não regues, *num dá bobré* = não grites.

Cae a desinencia do presente do subjunctivo da primeira conjugação, quando está pelo imperativo: *mostr* = mostre, *deix* = deixe, *esper* = espere, *fic* = fique (3)

Nas preposições incidentes, porém, o presente de todas as conjugações é o mesmo que o imperativo, e emprega-se ainda pelo tempo passado: *pediu com est velh qui dixá ficá* = pediu a esta velha que deixasse ficar; *tig fallô per vac qui tirá argol e abri port* = o tigre disse á vacca que tirasse a argola e abrisse a porta.

O futuro é representado pelo infinito: *si num fazê assim, augum di ha morré inforcad* = se assim o não fizeres, morrerás algum dia enforcado; *si ussé regá, eu ha mandá matá por-óss* = se você regar, hei de mandar mata-lo; *ót vez quand vae* = quando for outra vez.

Paradigma da primeira conjugação: *andá* = andar, *andan'* = andando, *andad* = andado; *andó, and, tí andá, tem ou té andan'* = anda; *andau* = andava; *andô* = andou; *tinh andad* = tinha andado, *andára*; *ha andó* = ha de andar, *andará*, *nad andá* = não ha de andar; *havi andá* = andaria; *andá* = anda, *andae*; *andá, and* = ande; *andás* = andasse; *si andá* = se andar.

Paradigma da segunda conjugação, com que se conforma a terceira: *respondê* = responder, *responden'* = respondendo, *respondid* = respondido; *respondê, respond, tá respondê, tem ou té responden'* = responde; *tinh responden'* = respondia; *responden*; *tinh respondid* = tinha respondido; *ha respondê* = ha de responder, *responderá*; *havi respondá* = responderia; *respondê* = responde, *responda*; *respondéss* = respondesse; *si respondê* = se responder.

(1) Igualmente no dialecto norteiro; no de Diu *had*. B emprega tambem *had*.

(2) Cf. «*Assim só eu, são pessô delicada*» assim sou eu, sou pessô delicada; «*amor são amor para aquelles que amor entende*» (na poesia) = o amor é para aquelles que entendem o que seja amor.

(3) Tambem: *é bom que nós fic content* = é bom que nós fiquemos contentes.

Partículas:

Preposições: *par, pa, pu, per* (*per-él* = para elle), *por* (*por-ós* = para vós), *pre* (*pro-si* = para si), *pr* (*pralli* = para alli), *p-* (*pislai* para tal) = para; *a* (pouco usado), *no* ou *na* (tambem *por em*, pouco usado), *rib de* = em riba de, sobre, *bax* = abaixo de, debaixo de, *cum. co* = com.

Adverbios: *nã, num* = não, *nunc, nuc* = nunca, *munt, mut* = muito, *mai* = mais, *andão* = então, *alá* = lá, *bax* = baixo, *und, un'* = onde, *cand* = quando, *com'* = como, *quilai* = como, *ês-lai* = assim, d'esta sorte, *ant* = antes, *dupoi* = depois, *dent* = dentro, *imbór* = embora, *press press* = a toda a pressa, *port-port* = de porta em porta.

Conjunções: *qui* = que, *parqui* = para que, porque, *mas* = mas, *si* = se, *cand* = quando.

O) Syntaxe**Sujeito e regimen:**

A falta de flexões verbaes não exige que o sujeito seja claro, quando facilmente se conheça do contexto: *o rapas fazeu um laç e butó naquél argól de timp, parqu num podí com fom'*, *par inforcá; e butó um tambrét, e butó um laç no pescóc e já deu salt par murré inforcad*.

Não é indispensavel que o sujeito se anteponha sempre ao verbo: *falló tig par adiu* = disse o tigre ao adibe; *agor vae tig dent de gaiol* = agora o tigre vae dentro da gaiola; *já falló par su pae aquél mai piquinin'* = o mais novo disse a seu pae.

O regimen directo, bem como o indirecto, é a miúdo precedido da preposição *par* = para: *limpó par su filh* = limpou seu filho; *fazeu santá no cost par adiu* = fez sentar o adibe nas suas costas; *ha matá par mim* = ha de matar-me; *chamó par filh* = chamou o filho; *ussé islai treição fazeu par mim?* = você fez-me semelhante trahição? (1)

Não é raro o regimen, especialmente sendo pronominal, collocar-se antes do verbo, conforme as linguas vernaculas: *par mim num uviv* = não me ouviu; *par-ós num import* = não vos importa; *par-mim nunc já deu* = nunca me deu; *a él quem foi regá?* = quem foi rega-los?; *par adiu ag puxó* = a agua puxou o adibe.

Dá-se ás vezes inversão de sujeito e regimen, por influencia indigena: *par-mim sintin' mut fom'* = sinto muita fome; *qui tem par-ós?* = que tendes?

E' frequente a ellipse de regimens pronominaes: *qui podí matá* = que podia mata-lo; *dá par-mim minh herdad*; *él já deu* = dae-me a minha herança; *elle deu-lh'a*; *uví, minh filh, um histór, noss pad vigar já contó* = ouve, meu filho, uma historia que o nosso parochou contou.

Verbo:

A reduplicação do verbo indica a continuação, a frequencia ou a intensidade do acto: *fazen' fazen'lenh* = estando a fazer lenha; *lutan' lutan' com cabrit* = lutando muito com o cabrito.

Ellipse do verbo *ser*, por influencia indigena: *ês noss don' rabjent* = esta nossa

(1) Nas linguas neo-aricas o objecto directo de pessoa põe-se em dativo. «This incompetency of the accusative to represent a person is common to Hindi, Gujarati, etc. In Hindi, even a word denoting a lifeless object is put in the dative case, when it is necessary to make it emphatic». Navalkar, op. cit., § 73.

dona é rabugenta; *les gaiol fét com habilidad* = esta gaiola era feita com habilidade. Também: *e él tud afflict* = e elle estava todo afficto.

Occorre o presente pelo passado, além do caso que se dá com o presente do subjunctivo, como fica notado na morphologia: *aquel hom' num sab nad, tar drumid* = aquelle homem não soube nada, estava dormindo; *ests amigs ulhô qui num tem nad* = estes amigos viram que não tinha nada.

Ha exemplos da suppressão de *se*, signal da voz passiva: *qui ha fazê?* = que se ha de fazer?; *islaí animal nunc deu fazê bem* = nunca se deve lazer bem a semelhante animal; *que no basar vende* (na poesia) = que se vende no mercado.

Pedí e entregá regem o circumstantial de *com*, em logar do regimen indirecto — facto commum, reflexo indigena: *eu pediu com él* = pedi-lhe; *pediu com ést velh* = pediu a esta velha; *pediu desculp com rainh* = pediu desculpa á rainha; *entregae com aquel ingrat* = entregae a aquelle ingrato.

O verbo *vir* substitue *ir* na significação de acompanhar (1): *quer santá no su cost, antão ha vi* = quero sentar-me nas suas costas, então irei comsigo.

O verbo no infinito é empregado sem preposição depois do finito: *tratô apanhá* = tratou de apanhar; *deu visti* = deu de vestir ou para vestir; *começô gardá* = começou a guardar.

Não ha verbos pronominaes ou reflexivos: *inforcá* = enforçar-se, *rependê* = arrepende-se, *santá* = sentar-se. *Agor adiu santô no cost de cambel* = agora o adibe sentou-se nas costas do camelo; *éss filh butô injoelh* = o filho poz-se de joelhos

Pronomes:

Usa-se muitas vezes o possessivo *su* = seu, por *vosso*: *óss ha fazê santá no su cost* = far-me-heis sentar nas vossas costas; *tudo noss bem é por-óss, e su irmão tinh perdid* = todos os nossos bens são para vós, e vosso irmão estava perdido (2).

Inverte-se frequentemente o pronome relativo (3): *é verdad ussé o qui fallô* = é verdade o que você disse; *tud qui cóz* = toda a coisa que; *a él quem foi regu?* = quem foi rega los? Também: *aquel jardinh tud* = todo aquelle jardim.

Partículas:

A preposição *junt* rege o complemento pronominal antes de si, isto é, torna-se pospositiva: *ficou d'oss junt* = fiquei junto de vós (comvosco). Também *minh junt* = junto de mim, commigo, como nos outros ramos (4).

Preposição de quietação com o verbo de movimento: *rê sei no jinel* = o rei veiu á janella; *éss rê foi par caçri no mont* = este rei foi ao monte para caça (5).

Méd = medo e *raiv* = raiva, com o verbo *ficá* = ficar, perdem a preposição *com*, talvez por se lhes dar a significação do respectivo adjectivo, como acontece com *lai-lai* = vario, diverso: *ficô méd* = ficou com medo; *ficô raiv* = ficou zangado.

Egualmente o substantivo *cas* = casa, e o verbo *vac* = ir, dispensam muitas vezes a preposição: *voltá cas* = voltar para casa, *par im levá su cas* = leve-me para vossa

(1) Phenomeno commum.

(2) A confusão explica-se pelo uso promiscuo de *óss* = vós e *ussé* = você.

(3) Também nos outros ramos.

(4) *Meu* e *de mim* são expressos nas linguas indianas pelo genitivo declinavel do pronome pessoal.

(5) Ha exemplos d'estes no portuguez de Góa e do Brasil. Vid. *Dial. indo-port. de Góa*,

caça; *caz minh pae* = em casa de meu pae; *El tinha su cas um bufl fem'* = tinha uma bufala em sua casa; *bam' otr ban'* = vamos á outra banda; *cond foi caçari* = quando fui á caça. Tambem: *recordô manhá* = acordou pela manhã; *tinã prenã juss nou mez* = estava prenhe justamente de nove mezes.

Emprega-se muito o adverbio *não* no fim de preposições interrogativas, como insinuativo de resposta afirmativa (1); *pód cumê, não?* = posso comer, não é assim? *já uvist, não, filh?* = já ouviste, filha, sim?

Redundancia da negativa: *El tud afflict de mêd qui num viess aquel pov qui dizô gaiol, qui podi matá* = elle estava todo afflictio com medo de que viesse o povo que deixou a gaiola, o qual o podia matar

Juss = justo usa-se adverbialmente: *tinã prenã juss nou mez*.

Repete-se correlativamente a conjuncção *tambem*, por reflexo indigena: *assim óss tambem ha cumê e eu tambem ha cumê* = assim comereis vós, como eu tambem comerei; *aquell tambem é mulher e minh tambem é mulher* = assim como ella é mulher, assim tambem a minha é mulher

Supprime-se a conjuncção copulativa, por influencia indigena — phenomeno que se dá tambem nos outros ramos: *par adiu ag puxó leou* = a agua puxou e levou o adibe; *ha cumê bebê* = hão de comer e beber; *tud port jinel tinh fichad* — todas as portas e janellas estavam fechadas; *mubil rôp* = mobilia e roupa (2)

D) Textos

Parabola do Filho Prodlgo. — Parab d'um filh extravagant

(Traducção de A). *

Um hom' tinh doi filh.

Já fallô pa su pae aquel mal piquinin', que dá-cá su quião que tá pertencê a êl. E êl já repartiu pa tud doi filh tud quant tinh.

Dapoi de passá algum temp fez um imbrú de tud su fat aquel rapaz piqui-

(Traducção de B). **

Um hom' tinh doi bich.

Piquinin' bich já fallou pu su pae: Mim pae, dá par mim minh herdad. El já deu.

E su filh tomou bastant bazruc e já foi bastant lonj. El alli já cumeu, já be-beu, já balhou e perdeu su herdad.

* Crioulo norteiro.

Um cert hom' tinh doi filh.

O pequen ji fallou por su pae: Pae, dá par mim mim heranç. Su pae já deu par ol su heranç.

Depois d'algum di o pequen' filh jun-

** Crioulo de Diu (apud Schuchardt).

Um hom' tinh doiz filh:

Já fallou par su pai aquêl mais piquin, que dá-cá su quião que ta pertencê a êll. E êll já repartiu por tud doiz filh tud quant tinh.

(1) Tambem em Góa.

(2) Igualmente: *amig-cam'rad* = amigos e camaradas; *arec-bet* = areca e betel ou betle; *marid-mulher* = marido e mulher.

nin', e já foi ficá num terr bastant lonj e estranh, e alli já deu cab de tud, e já ficô bastant miserav, e foi servi um sinhor pa guardá pôrc.

No mei de mat desert tinh sentind muit fom e queri comer de mesm comid de pôrc, mas nem aquel achav e tava morrendo.

E assi nest estad começô lembrá de caz de su pae, ond tud é fartur, ond tud criad tinh bastant pa comê, e êl agor tinh morrend de pur fom'.

Ficô bastant rependid de su conduct, e log já resolvê voltá caz de su pae pa pedí perdão.

Começô caminhá pa caz, e su pae, quando ulhô de lonj e conheceu su filh, saiu diant com muit pressad, e com grand amor abraçô e bijô su filh.

E ês filh butou injoelh no su pé, e fallou pa su pae que êl tinh fêt grand peccad e tinh perdid o nom' de filh, e queri ficá caz com' criad.

Quand su bôls ficou vasiu, êl tinh grand fom'.

El então já foi servir um sinhor, e par elle mandou pastar pôrc.

E tinh fom', nem farel tinh dand par êl.

Bich então já pensou: Caz minh pae bastant criad tem sirvin', e illôt tem cumen' barrig chê, e eu islai misér tem curtin'.

Eu vae minh caz e fallá pu minh pae: Pae, eu já deu bastant disconsolação par vóss, fazê par mim voss criad.

Assim tinh pensan' e assim êl já fez. E su pae, quand ulhou pu su bich, já correu e já deu par êl abraç e já bijou.

Minh pae, já fallou bich, eu já fez grand peccad; vóss, pae, num papiá par mim; fazê voss criad.

Su pae já mandou trazê vístiá e já butou par êl, pusou anel na ded e sapat na pé.

Su pae já fez bastant *manjá*.

Ess lai tinh fallan': Ess minh filh

tand tud que tinh pertencend par êl, já foi fór da terr, e alli despendeu tud su dinheir no comer, beber, etc.

Depois d'el despende tud, alli ji cahiu um fort fom' naquel terr, e êl ji ficou bem pobr.

Então êl já foi e ji ficou serv num caz d'um rich hom' d'aquel terr. E êl ji mandou no su vargem pu dá comer pu porc.

Tant er fom' d'aquel rapaz, que êl até havi de comem comer do porc.

Mas êl pensand em si mesm ji fallou: Quant serv no caz do meu pae tem bastant pu comem e bebê, e aqui eu tá morrend com fom'.

Eu ha ergui, had ir perto do meu pae e ha fallá: Pae, eu ji peccou contra céo e contr você.

Eu n'é digno que voscê considerá par mim com' voscê filh: dixi ficá par mim no caz com' um serv.

Então êl ji erguiu e já foi pert do su

Depois de passá algum tempo fez um imbrui de tud su fat aquêll rapaz piquin e já foi ficá n'um terr bastant lonj e estranh e ali já deu cab de tud, fazend munt estragação.

E depois de ter dad cab de tud, succedeu vi n'aquêll terr grand caristi e eill prinspiou ter pricizão.

Já sahiu d'ali e já ficou com um homm d'aquêll terr. Mas est já mandou par aquêll par um quintal d'ell par tomá cuidad de su criação de porc porc.

Nest lugar tinh buscá ell inchê su barrig com comer d'aquell porc porc, mais ninguem nã tinh dá.

Até qui já pensou e já fallou: na caz de mim pai tã bastant criad qui tã munt comer e eu aqui tá morré fom'.

Eu had lavantá e had vai buscá par mim pai e had fallá: Pai, eu já peccou contr Céo e diant de çs.

Já nã tá mercê nom de su filh: fazê de mim como de ós criad criad.

Log su pae deu vistí fat ric, butou anel de grand valor na ded, deu calçá sapat.

Mandô depoi matá um boisinh e fez grand féss pa chegad de su filh, que êl tinh dad pa mort.

Quand butô mêz, su filh grand vêu de varj, e ficô muit zangad, parqui su pae íez tamanh féss pa su filh piquinin, e nam queri entrá dentr de caz, e su pae vêu buscá par êl.

E su filh fez grand sentiment, fallan' que nenhum dí deu a êl um cabritinh pa comê com su amig, saben' que é su filh obedient.

E agor que chegô su filh que deu cab de tud na vid estragad, deu comê noss

tinh murrid e agor já ficou co vid, êl já tinh perdid e já voltou.

Quand bich grand já voltou su caz, parguntou pu su criad par qua su caz tinh cantan'. Su criad já diss: Bich pi-quinin' já chigou, e senhor mandou matá bunit bezerr

Bich ficou inquizilhad; num entrou su caz. Pae de bich olhou pâr êl e já chamou.

Bich fallou: Pae, cum vóss tant ann ficôu d'óss junt, vóss par mim nunc já deu pándig pu eu comê e bebê junt minh amig; eu semp par vós já obedecueu

Mim irmão já pirdeu tud su furtun', e já regalou e pandigou bem, e pu êl vóss já fez manjá,

pae. Su pae ji olhou par elle de lonj e tinh su grand compaixão, e êl ji correu ond tinh su filh, cahiu sobre su pescoço e ji beijou par elle.

Mas su filh ji fallou: Pae, eu ji peccou contra céo e contra vossê e n'é dign do nom' do filho.

O pae ji fallou por su serv: Trazé logo o primeir vestiment e pusá sobr êl, trazê anel e pusá no su dedo e sapat no su pé.

Trazê aqui um gordo bizeir e matá, e bom' nós comê e bebê e fiçá alegr.

Parqui est mim filh par quem eu tinh considér como mort, ji ficou viv outra vez: êl er perdid e jáchou.

Agor su grand filh tinh no vargem, e quand êl já vêu pert do caz. elle ji ouviu muz e danç.

Hê, ji gritou, par um serv do caz, e ji perguntou qui coiz tinh no caz. O serv já fallou par êl: Vosce irmão já vêu, e vosce pae tem matado um gordo bizeiro, parqui êl ji voltou salv.

Este filh óuvind est, ji ficou zangad e ni queri entrá dentr do caz. Su pae por iss já vêu fór e començou fazê su *cucamat*.

Mas êl ji respondeu por su pae: Pae,

Ell já levantou e já foi buscá su pai. E quand tinh ind lonj, su pai olhou par êll e já ficou com pen qui já correu e butou mão na su gargant par abraçá e já bijou.

E su filh já fallou: Pai, eu já peccou contr Céo e diant de ós, já nã tá mercê nom de ós filh.

Então já fallou su pai par su criad: Tirá de press-su melhor rôp e dá vistí par êll e butá um anel na su d'ed e sapat na su pé.

Trazê tamém um vaquinh gord e matá par nós comê e par nós regalá:

Parqui est mim filh er môrt e agor já ficou viv: tinh perdid e já achou. E tud já começou fazê banquet.

E su filh mais grand tinh andad na camp e quand vêo e chegou pert de su caz, já ouviu muzic e cant.

E já chamou um criad e já perguntou qui couz er aquêll.

E criad já fallou: já vêo ós irmão, e ós pae já mandou matá um vaquinh parqui êll já chegou com saud.

Elle então já ficou zangad e não queri entrá. Mas su pai já sahiu e já rogou par êll par entrá.

Mais êll já deu est respost par su pai.

boisinh mai gord e mai bom que nós tinh

Antão su pae fallô que, filh, você tá ficá commig e tud noss bem é por-óss

E su irmão tinh perdid, e agor é bom que nós fique content, par qui que êl já vêu voltad.

Pae de bich já diss: Vóss, filh, semp já ficou minh junt, e tud minh *atli-pulli* é d'óss.

Ess minh bich tinh murríd e já ficou co vid; êl já tinh pirdid e agor já incontrou

eu tant temp tá servind por voscê e sempr ji obedeceu por voscê, mas voscê nunc já deu aind um pequen' cabrito par fazê fest com mim amigo.

Mas logo que vosce filh ji voltou, que ji despendeu tud vosce dinheir, voscê ji matou a respeito d'êl um gord bizeir.

Mas o pae ji respondeu: Filh, ós sempre tem comigo e tud que eu tem é par ós.

Aind er prop que nós dev ficá content, porque est ós irmão nós ja tinh considerad com' mort, e ji ficou outra vez viv; êl já tinh perdid, mas ji encontrou outra vez.

Já passou bastant ann que eu tá servi sem nunc deixá de respetá ós mandament e ós nunc par mi na deu um cabrit par eu regalá com mim amig;

Mais log que vêo est ós filh que já gastou tud quant tinh com mulher mulher de má vid, log já mandou matá cabrit gord.

Então su pai já fallou: Filh, ós sempr tem junt de mim e tud de mim é de ós.

Er preciz fazê banquet e função parqui est ós irmão tinh murríd e agor já ficou viv; tinh perdid e achou.

Fabulas e Contos

I

Tinh um adiu e cambel (A).

Ambs andau com grand amizad: o adiu chamau par cambel pae-tiu, e cambel tratau com' subrin' ao adiu. Este ambs tinh sahin' passiar de nôt, parqui naquêl aldê tinh bastant ramad de uvs. Antão naquêl anôt entrô num hort par cumer uvs. O adiu fallô par su pae-tiu cambel, qui ussê é grand e eu é piquen', e minh bôc qui-lai ha chegá allí no ramad? Milhor é que fazê santá no su cost: assim óss tambem ha cumê e eu tambem ha cumê. Assim cambel entrô no hort e fazeu santá no cost par adiu, e começô cumê uvs ambs-doi junt. Com' adiu tê barrig piquen', inchô log, e diss a pae-tiu cambel que minh barrig tê doen', e eu pirciz dá *bobré* par bachá minh barrig. Agor cambel fallô qui óss num dá *bobré*; sprá um bucad mai, parqui minh barrig num inchô. D'óss barrig é piquen', e log já inchô e minh é grand e num já inchô; sprá um bucad mai e num dá *bobré*. Agor adiu fallô qui eu num pód com dor na barrig, e pirciz mem' dá *bobré* par bachar minh barrig. Cambel fallô: "Num dá *bobré*, parqui ha ví don' e ha pegá e ha dá-lh., Adu começô dá *bobré*, e já deu salt e fugiu par fór d'hort; e veu don' com *bobré* d'aquêl adiu e pegô par cambel e deu mut pancad, qu'êl num podí marchá, e fiô mut zangad parqui adiu deu *bobré*.

Segund dí encontrô adiu par cambel; agor adiu tê fallan' par cambel: "Pae tiu, por-óss hont já de-lh bastant pancad, não?, Cambel fallô: "Óss mem' tê culp de fazê levá pancad par mim, parqui óss mem' de-lhe *bobré*. Eu tant já fallô. mai par mim

nunc uvíu., Cambel tê mut zangad com adiu, parqui fazeu levá pancad, e fallô par adiu, qui o que ficô, ficô; agor bam' (vamos) ôtr ban' cumê uvs, mai num dá bobré. "Mai com' eu ha vae otr ban'? Eu num pód passá, parqui ag tê curren' mut fort e ha puxá par mim.,. Antão cambel fallô: "Eu ha fazê santá rib de minh cost e ha levá; eu é grand e par mim ag num ha puxá.,. Agor adiu santô no cost de cambel, e agor tinh andan' par otr ban' par comê uvs; chegô no mê de riu, e ond ag tinh corren' fort, cambel mergulhô, e par adiu ag puxô, leou. Cambel fallô par adiu: "Adeus, sobrinh'; est é pancad qui fazeu dá par mim.,.

II

Tig (A).

Tinh um tig num aldê, qui fazi mut perdição no gad de gent. Então êss gent fez um gaiol grand de ferr e pusô no mont, e dent d'êss gaiol dixô um cabrit; e qui êss gaiol fêt com habidad, qui log qui entr êss tig, fech aquêl port e com argol. Passad augum dí, vei o tig passá pequêl caminh und tinh pôss aquêl-gaiol, e ulhô cabrit qui tinh dent de gaiol. El já foi cumê aquel cabrit, e lutan' lutan' com cabrit, fêchô aquêl port; e dupoi de çabá cumê aquel cabrit, ficô alli dent sem pudê sahi; e êl tud afflict de mêd, qui num viess aquel pov qui dixô gaiol, qui pudi matá. Mai êss gent doi dí num foi ulhá gaiol, si tinh entrad tig.

Segund di muxed vê passan' um vac; tig fallô par vac qui tirá argol e abrí port, dixá sahi par mim, sinão agor ha ví gent e ha matá par mim. Vac fallô: "Si eu tirá por-óss, ha cumê par mim., Tig fallô: "Num ha cumê, eu dan' minh palau qui nad (n'had) cumê; qui ussê ha fazê um faor e eu ha cumê por-óss?, O vac uvíu e tirô argol e dixô sahi par tig. Agor tig fallau par vac: "Mut obrigad, irmã.,. D'alli um bucad tíg fallô par vac, qui par mim sintin' mut fom', com' ha fazê? Eu num pód marchá; par mim dan' vontad par cumê por-óss. Agor vac fallô: "Eu num fallô por-óss qui ha cumê par mim?, "Eu fallô, sim; mai par mim sintin' mut fom', é pirciz cumê.,. Vac fallô: "Si quer cumê, pód cumê; mai eu fazeu bem e ganhô infern.,.

D'alli augum bucad vem andan' um adiu; log qui vac ulhô adiu, fallô par tig, qui sprá, qui alli tem vin' um adiu, bam' fazê justiç. Log qui adiu chegô junt d'els, qui staus profian', fallô tig, qui ulhá êss histór; é assim: qui tinh cahid prêz no gaiol, e êss vac vê passan', e eu pediu com êl faor qui tirass par êl d'alli. Vac fallô qui si eu tirá, óss ha cumê par mim; eu fallô qui num ha cumê; e vac tirô. Mai par mim sintin' mut fom' e é pirciz cumê par-êl. Agor respond adiu: "Or já podí ter cumid.,. "Agor já ví? Pód cumê, não?., Agor diz adiu: "Esper, deix fazê justiç; agor bam' mostrá und tinh gaiol.,. Marchô pralli und tinh gaiol. Adiu fallô par tig: "Mostr a mim com' tinh alli dent.,. Agor vae tig dent de gaiol mostrá a adiu, qui vej, tinh assim lutan' com cabrit, qui tinh aqui. Vae o adiu e fich aquêl port, e dixô par tig dent de gaiol; e fallô adiu par tig qui êc alli dent mem' agor; e de-lh bofetad par vac e fallô: "Is-lai animal nuc deu (deve) fazê bem, qui é mut mau bich, e si óss num tem vergonh, ha fazê is-lai faor pis-lai animal; e agor vae par d'óss caminh.,. E vac fallô par adiu, qui fic mut obrigad de faor qui fazeu par mim; si ussê num viess, haví cumê par mim. E mandô imbor par vac, e adiu fallô par tig: "Pae-tiu, adeus, qui ond stá, stá tnut bem., Agor tig fallô par adiu, qui ussê is-lai treição fazeu par mim? Agor respondeu adiu, qui ussê com' querí armá treição par vac?

Passad augum dí, já-eu aquêl gent e ulhô tig dent no gaiol e matô com tir, e por iss fallan': Fazê bem e ganhá infern

III

Um hom' pob (A).

El tinh um ég junt d'el; el com ég i (ia) par ôtr terr; est ég estau pren. Antão andau par ôtr terr, ficô nô; incontrô um caz d'um velh; êl tinh su caz um bufi fem' tambem pren. Antão est hom' pediu com est velh qui dixá ficá anôt su caz; qui muced haví pagá su dinhêr. Est velh diss sim. Est velh tomô d'ess hom' e leou e amarrô naquêl caz ond ficau su bufi. Hom' dupoi de ciar já foi drumir; alli par meanôt pariu ég um cavallinh, e tambem bufi pariu bufrinh. Aquêl mulher launtou de son' e já foi ulhá su bufi; incontrô su bufi parid e ég tambem parid. Aquel hom' num sab nad, tau durmid; antão êl pegô su bufrinh, marrô junt d'ég e cavallinh junt de bufi d'êl. Est hom' recordô manhá par ir, pagô su trabalh, e vae tomá entreg de su ég. Velh trôx ég com bufrinh par dá, fallan' qui su ég pariu bufrinh e minh bufi pariu cavallinh. Hom' fallô qui assim num pód sê; eu vae quexá par rê. E já foi e fallô: "Sinhor rê, eu vê fallá par sinhor rê qui hont anôt eu ficô em caz de velh, e minh ég pariu e su bufi pariu., Cand tinh ind (estava indo, ia) fallá par rê, no caminh encontrô adiu e perguntô ao hom': "Ussê ond vae?, El com' tinh zangad, fallô: "Por-óss num import eu und vae., Adiu fallô, qui óss niquer fallá ond vae, qui algum dí ha cahí minh necidad, qui óss ha fazê santá no su cost e ha levá par mim. Hom' fallô: "Eu qui necidad tem d'óss?, Já foi hom', quexo par rê est côz: qui ég pariu bufrinh e bufi cavallinh. Antão rê fallô: "Pód sê assim. O'ss tem testmunh? Vae chamá par el., Hom' voltô e foi contá diant de adiu com' testmunh. Adiu diss: "Quer santá no su cost, antão ha vi; eu num fallô qui óss ha cahí necidad minh?, Antão já foi bax de caz de rê, fazeu santá par adiu, e foi fallá par rê qui trôx testmunh. Rê vê no jinel; adiu tinh gemen' son'; rê perguntô par adiu: "Antão tud anôt não dromiu, qui agor gemen' son'?, Respondeu adiu: "Sinhor rê, est anôt mar pegô fôg, e eu tinh andad pagá com palh; por iss num dromiu., Antão rê respond: "Ah, sô burr! Antão mar pód pegá fôg e ussê pagá com palh?, Respondeu adiu: "Si mar num pód pegá fôg, nem ég pód pari bufrinh nem bufi cavallinh., Rê uvind est, mandô entregá par ég cavallinh e bufrinh par bufi.

IV

Tinh um rê e rasnh (A).

Mulher d est rê tinh parid um rapaz, e no su caz tud port jinel tinh fichad pu num tucá vent. Um dí éss rê foi par caçri no mont; alli um mulher de gent pob foi fazê lenh. Éss mulher tinh prenñ juss nou mez, e fazen' fazen' lenh, apertô dor e pariu alli no mont mem', e dupoi de pari limpô par su filh e butô no cêss e já-eu par caz. Ess rê ficô ulhand tud qui côz tinh fazen' aquêl mulher, de lonj mem'. Ess rê pro-si mem' tinh fallan' qui minh mulher tambem tem parid, mai tê fichad jinel port tud; aquêl tambem é mulher e minh tambem é mulher. Aquêl mulher como dupoi de pari tumô filh e já foi caz? per-êl num tucô vent? Aquel rê voltô par caz, e mandô abri jinel port tud.

Antão raihnh começô com bohré: "Ó sinhor rê, ussê quer matá par mim, num sab qui eu tê parid?, Rê fallô: "Ara! ôtordí cand foi caçari no mont, ulhô um mulher qui pariu alli no mont; êl limpô com folh de herv e butô su filh no cest e foi par caz., E o rê fallô par su mulher, qui ussê tambem é mulher e aquêl qui pariu

no mont tambem é mulher; parqui então quer jinel e port tud fichad? Rainh ficô quét, num fallô nad par rê.

Ess rê tinh um jardinh mut delicad, qui si um dí faltass butá ag, ficau com' mort. Antão um dí rainh mandô chamá par hortelão, qui tinh regan' hort, e fallô prêl sem sabê rê, qui um catr dí ussê num regá aquel jardinh, e si ussê regá, eu ha mandá matá por-óss. Aquel hortelão ficô mêd e num regô, e aquel jardinh tud ficô muruch

Ess rê tinh andan' passia cad oit dí su jardinh. Um dí já foi passia eu jardinh, encontrô tud muruchad; perguntô par hortelão: "Parqui ess jardinh está muruchad?, Hortelão fallô qui rainh fallô: "Num regá catr dí; si regá, eu ha mandá matá pro-ussê,. El ficô med e num regô Rê voltô e foi par caz, perguntô á rainh: "Quem deu ord a hortelão par num regá jardinh?, Antão ôl fallô qui foi eu. E rê diss: "Parqui?, Agor rainh fallô: "No mont tem muts arvrs e tem muts frescs; a el quem foi regá, qui su jardinh, par num regá catr dí, log ficou muruch?, Respond o rê qui meu jardinh é arvrl delicad, e qui aquel de mont é grossêr. Respondeu rainh: "Sinhor rê, assim sô eu, são pessô delicad, e aquêl mulher qui pariu no mont, com' ussê fallô, aquêl é grossêr,. E rê deu par ganhád; e dupoi rê mandô fichá tud jinel e port, e diss ao rainh: "E' verdad ussê o qui fallô,. E pediu desculp com rainh.

V

Um hom' (A).

Tinh um hom', qu'el tinh um filh, e est hom' er ric e já er velh. Um dí chamô par filh e fallô qui, filh, uví o qui eu tem fallan' e gardá no sintid, qui ha sê felis; e si num fazê assim, augum dí ha morrê inforcad. Fallô velh qui, filh, eu augum dí ha morrê, qui ussê num gardá mut amizad com amig-cam'rad; amig-cam'rad ha cumê bebê d'ussê, e cand ussê num tem nad, ha fugí. Pae morreu.

Est velh tinh fêl um trau ôc, e tinh butad tamp, e n'êss tamp tinh pusad um argol de ferr, e dent d'êl tinh includ mut dinhêr sem sabê filh, mai tud ant de mort.

Ess rapaz dupoi de mort de pae começô gardá amig cumen' beben'; ôtr qui tinh notiç, foi entran' com amig, e assim em pôc temp deu cab de tud dinhêr qui pae tinh dixad per-el fór. Dupoi com' num tinh nad, começô vendê mubil, rôp. Ests amigs ulhô qui num tem nad, foi largan' aquêl amizad, e el andau pedí esmol. Ests amigs qui tinh, cand ulhau par el, tinh fugin' lonj, pensan' qui el havi pedí par cumê.

Um dí o rapaz fazeu um laç e butô naquêl argol de tamp, parqui num podi com fom', par inforcá; e butô um tambrêl, e butô laç no pescoç, e já deu salt par murrê inforcad. Log qui já deu salt, sahiu tamp e cahiu bastant dinhêr, qui pae tinh gardad; e el diss: "E adeus! qui ind meu pae dixô augum dinhêr par eu cumê; si uvisse a meu pae, nad d'ess havi succedê,. Tratô apanhá tud dinhêr e gardô, e foi tiran tud fat qui tinh empenhad. Dupoi casô e ficô viven' marid-mulher, e mai nunc tratô dixá mai amig-cam'rad

VI

A velha e o gallo (B)

Antú ví. Eu tem contan' pór-óss um chistoz histôr. Mim mãe tim fallan' quand tinh piquinin'.

Tinh naquell temp um velh morteng. Ell tinh doi criad mulher e bastant bazruc. Esse doi mulher, um tinh nom' Gitrud e òt Anall. Bem ced aquell velh tinh fazen' cordá su criad, quand tinh cantan' gall. Anall já fallou par Gitrud: Ess nosa don' munt rabjent; qui cêd já tem fazen' launtá; num tem dixan' durmí mesmo tud nôt. Gitrud já respondeu: Bai Anall, bam' nós fazê um coiz; vóss turcê gargant de gall' e fallá pu velh: Gall tinh gemen-gemen; já isticou canell. Qui ha fazê. Bai? Anall já fazeu qui lai Bai Gitrud tinh fallan' Velh já ficou munt mortificad.

Mas óss tem saben' éll qui coiz já fez? Elle num tinh durmin' e tá fazen' cordá mê-nôt. Qui disgrass! Amb já ficou arrependend munt, mas qui ha fazê? Tard arrependid infern tem chê.

Maximas e proverbios (A)

Ant qui caz vêj qui faz.
 Casá é bom, num casá é mut minhhor
 Suprá chãõ e butá pé.
 Ganhá óss, had cumê João de Cós (Costa).
 Atrá pedr, escondê mão.
 Fez bem quem butou paù e num butô pé.

Adivinhas

Varj branc, sement prêr, ponh cum mum (mão) e panh cum boc. — *Escripta*.
 Dent caiad e fór cafiad (1). — *Côco*.
 Alt comu palmêr e redon' com' sumbrêr. — *Poço*.
 Filh bat no mãe e mãe começõ chorá. — *Sino*.
 Um buião com doi lai (2) mantêg. — *Ovo*.
 Um buião enchid de cafrinh (3). — *Papaya*.
 Ant de nascê mãe nasceu filh, mãe no altur e filh no montur. — *Banana e seus appendices, ou tambem cajú e caroço*
 Alá mará fór tá amblá indol (4). — *Manga* (fructo)
 Vac correu, lêt pingau. — *Mó cylindrica*
 Eu já passou, óss tá chamá, hor de butá já churô, e depoi de butá gostô. — *Manilhas* (5).
 Ant foi filh e agor sô mãe, stô crian' filh alhê, qui é marid de minh mãe (uma filha alimenta com o seu leite o seu proprio pae (6)).
 Ant de nascê mãe filh tem balhan' diant. — *Cajú* (cuja semente apparece antes do fructo). (B)
 Num mar de lêt ping de sang. — *Gunji* (*Abrus precatorius*) com a sua vagem. (B)

(1) *Acafelado* por *emboçado*

(2) Duas especies de

(3) Referencia ás sementes pretas do fructo.

(4) Não percebo bem a composição d'esta adivinha. A variante que suggere o sr. Moniz parece mais soccitavel: *Aré maná, fór tá amblá indol* = ó mana, lá fóra se mexe um baloiço.

(5) E' costume geral na India as mulheres, excepto as viuvas, trazerem muitas manilhas de vidro, que os vendedores andam a apregoar e fazem doer a mão quando as enfiam.

(6) A não decifra, mas commenta este enigma muito intrincado.

Dialogos

I (E)

— Ai! mim surjão, acudi par mim, ulhá minh filh, fazê caridad; voss tem pae (1).

— Que tem tua filha, que padece?

— Senhor surjão, eu dan' cont pór-óss. Eu tumou notiç de minh negrinh piquen' ou minh filh, qui tem caz do su marid, tem duent, eu já correu par éll, marchan' press-press. Ai! mim surjão, qui lai tem éll! Imbrucad rib cam', quent de braz (2). Eu fallou par éll. "Filh. minh filh, qui tem pór-óss?", "Oh! mãe! já diss par mim, eu morré. mãe, par mim levá su caz.". Eu já arranjou log log um carret, já carretá minh filh.

— Deixa-te de tanta historia e dize-me o que ella soffre, desde quando tem febre e se faz bem as funcções

— Funcção, senhor! Eu pob, qui funcção had fazê? Uniu parent-parent e já casou pu minh filh.

— Não é isso que pergunto, quero saber se obra bem, se dorme bem

— Ai, senhor! eu num entendeu. Ell tem naturez marrad, barrig corduad, tud nôt papian', fallan' rundad pu marid e su irmão; pé tem lulá, quer launtá de cam' e marchá. Eu num pó fallá qui torment fazê; tud nôt tim golontian' baix de escad, si eu e su marid num garrá par éll. Fazê, senhor surjão, caridad, dá um mizinh bom. curá minh negrinh. Su pae já morreu, e deixou est doi negrinh sem um tanin' de bat. Eu fazê sirviç port-port, inchê mim barrig, e casou pu est negrinh

— Bem, aqui tens a receita; vae á pharmacia, traze o remedio e dá a tua filha.

— Senhor surjão, butiquêr had dá par mim remed? Eu num tem um bazruc pu pagá.

— Vá lá; como és pobre, mando abonar-te por conta da caridade, não tens de pagar.

— Ah! senhor surjão, qui lai bom (3) curção óss tem! Munt obrigad. Minh filh ficá bom. mandá par éll trabalhá su caz, lavá su pé (4); eu num pó pagá pór-óss

II (B)

Fulú (Philomena) (5). — Mãe, mãe, óss un' já foi?

Lujú (Luisa). — Já foi otr-band (6) na *markit*.

— Qui coiz já trôç par mim, mãe?

— Eu num lembrou, mim negrinh, mim *bái*. *Zap-zup* já voltou

— Bastant gent tem venden' *bajiá chaná curmuri*. Ai qui bunit lai *pipirmit*!

— Ai! minh filh, óss vez num trôç; ôz vez quand vae. had trazê pór-óss. Já uvriu. não, filh?

(1) «O facultativo e casado e pae de familia, e e tambem cirurgião mór do hospital militar.» Moniz

(2) A arder em febre

(3) Que bom.

(4) Expressão de profunda gratidão

(5) Tambem Florinda e Florencia

(6) «Os habitantes de Damão grande e pequeno denominam assim a margem opposta do rio de Damão (outra banda).» Moniz

- Pu bich, mãe, óss qui já trôç?
 — Óss num fazê *carandas*. D'óss pae un' foi? Paetiu já veu?
 — Já foi fazê fachin' Par mim já fallou: "Mandá cum bich pôc *bumbli* cum cari
 de *cormandiã*, (1)
 — Ai! êss qui mufinez! D'óss pae já deu bazruc pór-óss?
 — Num deu par mim, mãe

Poesia

I. Bai Calú (B)

Dambaca, dumbaca (2), Bai Calú (3),
 Qui cari jantou, Calú?
 Cari de cachorinh, Calú,
 Baxo de manguerinh, Calú.

Cumê arec-bet,
 Num cuspi no chão.
 Cuspi no meu peito.
 Regá coração.

Já foi passιά
 Calicachigão (4),
 Só par visitá
 Famil de Falcão.

Rebeca rebequinh
 Butá 'no fugão,
 Dixá ficá braz
 Par assá lêtão.

II. Caranda madur

Caranda madur panhá,
 Verd butá salgá. ó Dunga (5),
 Aqui panhá, alli ranhá,
 Verd butá salgá, ó Dunga.
 Dó. ré, mi, fá, sol, ó Dunga.

III. Canto de Raminha

Raminha
 P'egá na mão.

(1) As palavras em italico são exóticas, algumas das quaes estão dadas no vocabolario.

(2) «Imitação do som de *dol* ou *gumate*». Moniz.

(3) Carolina

(4) «Aldeia pertencente á antiga familia Falcão, actualmente propriedade do sr visconde de Damão.» Moniz.

(5) Nome de mulher (Domingas?).

Eu com minh amor
Largá no chão

Cega foi amar
A tua belleza,
Ingrato e tyranno,
Que não tem firmeza.

Ainda que sou pobre,
Andando pela rua,
A minha opinião
E' maior que a sua.

Rosa branca bem querida,
Porque andaes descurada?
Sem mistura de encarnada,
Rosa branca não vale para nada.

Depois que eu metti
Vosso anel no meu dedo,
Tomei confiança,
Perdi vosso medo.

Da corrida vim cançado,
De cançado eu assentei
Ao pé da sua janella,
Onde foi que descancei.

Comei areca-bet,
Não cuspi no chão.
Cuspi no meu peito,
Regae o coração.

Muito por engano
Trago amor sujeito.
Eu como leal
Perco o meu direito.

Tomei baixa de soldado,
Sentei praça de tambor
Só para rufar caixa
A' porta do meu amor.

Amor de soldado
Amor de uma hora,
Ouviu rufar caixa,
Larga, vae-se embora.

Sobre os vossos olhos
Eu já joguei dados,

Ganhar e perder
Como um soldado.

Alli em Badrapur (1)
Espalhado de flores,
Aonde entra e sáe
Soldado de caçadores.

Estrebilho

Oh rê manã, ai!
Oh rê manã,
Com vidrinho mandou panhá
Urvalha de manhã (2)

IV. Canção do berço

Dól, babá, dól
Babá querê coll.
Durmim, babá, durmim,
Son' já vê par mim.
Lô lô, lô
Son' já vê par mim (3).

Num chorá, alli já vê uá.
Uá, ví, levá par minh babá.
Oh! mim mãe, alli já vê uá, já vê uá.
Não, não, babá já durmiu.

Variante de Diu

Dól, babá, dól,
Babá querê coll.
Ni-nim, babá, ni-nim,
Babá piquinin'.

Amblá-indó,
Amblá-indó,
Babá, porque chor?
Mamã, papá querê babá,
A mã butá fór.

Variante de Mangalor

Dól, babá, dól,
Babá querê coll.

sitro no Campo dos Remedios, antes pertencente ao collegio das Onze m.

vem acompanhadas de musica, que não reproduzo.
ção indigena — «já tenho somno.»

Chanj, babá, chanj,
Babá querê canj.

Nin' babá, nin',
Babá pequenin'
Durmí, babá, durmí,
Babá tem com somno,
Somno gracioso.

Variante de Góa

Dól, babá, dól,
Meu babá querê coll.
Dól, babá, dól, babá,
Meu babá, meu babá piquinin'

Nin', babá, nin',
Meu babá piquinin'
Meu babá, meu babá,
Meu babá piquinin'

V. Papagai verd (1)

Papagai verd
Sentá sobre létêr,
Batê, batê azas, Surumbá,
Chamá rapaz soltêr

Font de mainat,
Font munt fund
Amor com' voss, Surumbá,
Náo ha ôtr no mund.

Braços torneados,
Cancãã de Nort,
Seu e meu amor, Surumbá,
Acabará com a mort.

Papagai verd
Com bic de prat,
Levae est cart, Surumbá,
Entregae com aquel ingrát.

Papagai verd
Com bic de chumb,
Levae est anel, Surumbá,
Mêr no mar fund.

(1) Recebi de Góa, mas parece pertencer ao dialecto de Damão, onde ha outra cantiga de Surumba. Vid. *Noticias e documentos*, pag. 255.

Caz sobradad,
Janel de vidr;
Minh pomb branc, Surumbá,
Ficou sem marid.

Caz sobradad,
Janel de grad;
Jur, eu nã quer, Surumbá,
Amor tão ingrat.

Palmér curt, curt,
Coquerinh bolead;
Amor que eu tinh, Surumba,
Levou o Diab.

E) Vocabulario

- Achar**, (subst.) conserva de vinagre ou de agua e sal. Commum.
Ad, < adem: pato *Ade* comm. Dial. nort. *ada*.
Adiu, < *adive*, adibe: chacal. Dial. ceyl. *adiou, adiu, adio, adio*.
Ag, agua. Dial. nort. *Ago*: dial. ceyl., coch, mac., malaio, cabov
Alá, lá. Dial. ceyl., cabov — Port. arch. Aldê, aldeia.
Alhê, alheio.
All por, cêrca de, perto de.
Almar, armario Comm. *Almario* pop. no continente.
Amb, *amb*, *ambos*. *Amb* *doi*, *ambos*. — Port. pop.: *amos de dois, amordois*.
Amblá, abalar; mexer. Dial. div.
Amig-cam'rad, amigos e camaradas.
Amorzinha, amorzinho. Talvez por se referir á mulher.
Anô, noite. Dial. ceyl. *anoute*. Dial. mal. *anôte*. Tambem *nôt*.
Ant, antes. Dial. nort.
Antão, então. Dial. beirão
Ap, pasta de farinha, assada. *Apa* comm. — Dravidico.
Arvr, arvore. Dial. mac. *arvi*.
Assim mem', sem motivo, sem proposito. — Infl. indigena.
Atlí potlí, trastes de casa, tarecos; bens, teres. — Do guz. *khatli-potli*.
Augum, algum.
Avan', < abano: leque. Comm.
Babá, menino. Dial. mac. *babá-char*. — Guz. *babá*, konk. *báb*.
Babazinh, diminutivo de *babá*.
Bachá, baixar. Dial. ceyl. *basad*.
Bacurá, olhar, mirar. — Do guz. *bhogavavum*?
Bl, senhora, dona; menina. Dial. div. nort., mang. Tambem em Gôa, mas não preposto ao nome. — Konk. e maratha.
Balhá, bailar, Dial. nort. — Pop. no cont.
Bam', vamos. Dial. nort. *bom'*.
Bantalau', camisola. Comm. (menos em Ceilão). Dial. mac. — Indigena.
Barrig-corduad, meteorismo.
Barrão, varrão. Comm.
Bat < *bate*: arroz com casca. *Bate* em Gôa. — Guz, mar., konk.
Bax, baixo. *Basso*: dial. ceyl., mac., singap.
Bazar, mercado. Comm. Tambem em Macau. — Do persa.
Bazruc, < *basaruco*: moeda antiga do valor de um real; (por extensão) dinheiro, riqueza. Dial. nort. *busruc*; dial. div. *busurucam*. — Sobre a etymologia vid. *Hobson-Jobson*.
Bet, betle ou betel. — Do malayalam (lingua do Malabar) *vetthila*.
Bich, filho (termo fam.). Cf. *negrinh*.
Bijá, beijar. Comm. Cf. *dizá*.
Bobra, abobora. Comm. Tambem em Macau.
Bobré, < *babaré*: gritaria, gritos. Dial. nort. — Do konk.
Boizinh, bezerro. Cf. *cavallinh*.
Bothó, beijo. Dial. div. *bocçó*. — Do guz. *bachchi*?
Brandá, abrandar. Comm.
Bandy, cognac. Comm. — Ingl.
Butic, pharmacia; loja. Comm. — *Botica* por *loja* port. ant.
Butiquêr, < *botiqueiro*: (port. ant. *boticario*). Comm.
Cabá, acabar. Comm.
Cabritinh, cabrito. Cf. *cachorrinh*.
Cacad, gargalhada. Comm. — Do konk.
Caçá, matar (gallinha, vacca). Nesta accepção é tambem us. em Gôa.
Caçari, > *caçri*, caça, caçada. Dial. ceyl. *caçaria*. — Por analogia com *pescaria*. (a)
Cacher, < *cachorro*: cão. Comm. Tambem: dial. mac., singap., cabov — Im-

Deposario em espanhol

- portado do continente nesta accepção, ou preferido a *cão* por causa da exiguidade d'este termo Cf *ulhu* por *ver*, *seccur* por *sêde*
- Cachorrinh**, cachorro Comm
- Cafliá**, acafelar; emboçar. Comm Tambem em Gôa: *caflar*
- Cajão**, occasião. Dial ceyl *casão*, *cassião* Tambem em konk
- Cajury**, tamareira, palmeira, sumo. v. nho de palmeira — Do guz *kharuri*
- Calalm**, estanho. Comm — Do arabe
- Calão**, bilha de cobre ou barro Comm — Prākrito, do sansk *calaxa*
- Calção**, calças Comm Dial mac — Import. do cont
- Cambel**, camelo
- Cambr**, camara *Cambra* nos dial. ceyl e mang, e pop no cont
- Cambrão**, camarão Dial ceyl; tambem em Gôa Dial mang e coch. *cambrom*, dial mac *cambrôm*
- Camphr**, camphora. *Camphra* em Gôa e Macau Cf. *bobra*.
- Cam'rad**, camarada. Dial. ceyl. *cam'rado*
- Cancañá**, (subst. pl.) manilhas, especialmente de vidro. Dial. mac. *cancañá*. — Parak., sansk *kamkana*.
- Canô**, quando. *Can'*: dial ceyl coch mal *Cando* pop no cont
- Canud**, cigarro do feitio de canudo. Tambem em Gôa.
- Caranda**, fructo de *Carissa* *Carandas* — Mar., sansk. *karamardā*
- Carandaí**, bulha, barulho; impertinencia — Konk.
- Caril**, caril. Dial. ceyl e coch O etymo não tem *l*. — Prak e dravid
- Carilá**, formiga branca. Comm
- Carret**, carreta: sege, trem. Comm
- Catr**, quatro: — *Catro* pop. no cont.
- Cavallinh**, potro. — Diminut. normal
- Cax**, Caixa. Cf. *dax*
- Cêsa**, cesto. Cf. *juss. pôss*
- Chapé**, chapéo. Comm
- Chê**, cheio.
- Chlad**, astuto, ladino. Dial. ceyl *chlado*. tambem em Gôa. — Konk. sansk *chhadmin*
- Chigá**, chegar. *Chigar* é dialectal no cont. Cf. *fichá*.
- Chumaç**, < chumaço: travesseiro Comm. — Port. ant.
- Chunam'**, cal. *Chumambo* (fôrma dravidica) em alguns crioulos, como ceyl mal. — Prak., sansk. *churna*
- Cidada**, cidade. Na poesia
- Cima**, em cima.
- Coll**, collo, regaço.
- Cordá**, acordar. Comm.
- Corent**, quarenta. Comm. (dial ceyl *correntê*, *corrento*).
- Coream'**, quaresma. Comm. (dial ceyl *coresmo*).
- Côz**, cousa. Dial nort Dial mac *cosu*.
- Crispo**, crespo.
- Cu**, *cum*, com (t. us.). *Cu* no dial. mal. (67)
Cum no dial. ceyl. e no Minho.
- Culat**, culatra, trazeiro. Dial. div. *Culata*. dial. nort. e em Gôa
- Curção**, coração. Dial. mal. *corçā*.
- Dalh**, bater. *Delh* pret. perf. Dial. ceyl. *dalhi*, *dâlji*, *dâji*. *dahi*; dial. coch. *dâh*
— De *dâ the*.
- Dent**, dentro. Dial. nort
- Dêv**, deve. Dial. nort. *dev*, *dê*.
- Dexá**, dixa, deixar. Dial. nort. *dixi*.
- Di**, dia. Dial. nort.
- Dinhêr**, dinheiro.
- Doi**, dois. Dial. nort.
- Dol**, (imperativo do verbo mar. e konk.), balçoia-te.
- D'oss**, < *de óss* < de vós: vosso. Dial. nort.
- Droui**, *drumi*, dormir. Dial. ceyl e mac. *dromi* *Drumir* pop. no cont.
- Despoi**, depois. Dial. nort. *dispoi*.
- Fg**, egua. Cf. *ag*, *leg*.
- Esprá**, esperar. Dial. mal. *isprá*.
- Ess**, < *est*: este. *Dial. de Santa Antão*.
- Esse-lai**, < (de) esta laia. este, tal, dito Tambem *islas*. Dial. ceyl. *istelei*.
- Fakir**, religioso mendicante; mezinheiro — Arab.
- Fallá**, dizer. Comm. — Port. ant.
- Famil**, familia. Dial. div. *Famila* no Alemtejo.
- Favor**, favor
- Fat**, < fato: fazenda, bens, moveis. *Fate* comm. Tambem dial. mac. na signific — Port. ant.
- Fazê sentiment**, queixar se.
- Fem'**, femea. Dial. nort Dial. ceyl. *femê*
- Fess**, festa.
- Fêt**, feito.
- Ficá med**, ficar com medo. Comm.
- Ficá raiv**, ficar zangado. Comm
- Fiech**, fechar. Dial. ceyl., mac., cabov. *Fiechá* no dial. noroiteiro. — *Fiechar* pop. no cont.
- Fils**, filhos. Dial. nort., div., ceyl. — Por reduplicação.
- Fig**, banana *Figuêr*, bananeira. *Figo* comm. Tambem dial. mac. — Por analogia.
- Filh grand**, filho mais velho. *Filh piquin'* ou *mai piquin'*, filho mais novo. — Infl. indigena.
- Filleç**, feitiço. Dial. mang. e mac. *fiteço* *Fiteçer*, feiticheiro. Dial. mac. *feticêro*
- Fôr** < fogo: lume. Comm. na signif. Tambem em Macau. — Port. ant.
- Fri**, frio
- Fujão**, fugião; (fig) cobarde. Comm. — Port. ant.
- Ful**, flor, *Fula* Comm — Prak., sansk *phull*, verbo.
- Gardá**, guardar. Comm — Port. ant.
- Garrá**, agarra. Cf. *panha*
- Gemê**, gemer. *Gemê son'*, cabecear com somno, cair de somno.
- Gitrud**, Gertrudes. *Getrudes* no cont.

(67) de Santa Antão Cabo Verde

- Golentlá**, rolar, rojar-se.
Grossêr, grosseiro
Gudão, armazem. Comm. — Do mal
Ha, ha de. Partio. do fut. positivo Dial
nort.; dial. div. *had*. Cf *n'had*
Habilidade, habilidade.
Havi, havia de. Partic. do condicional
Herdad, herança. No cont. só se usa na
phrase. *de juro e herdade* — Lat. *hac*
reditatem.
Histór, historia. Dial. nort. Dial. ceyl
istóri.
Hom', homem. Dial. nort. e div
Igréz, igreja. Cf *vias*
Illót, < *ellotr* < elles outros elles Dial
nort. Dial. mac *elotro*; dial. mal *illoters*.
dial. div. *ellotres*, dial. ceyl *ellotros*.
Imej, imagem
Imbig, umbigo. Em Gôa *imbigo* — Pop.
no cont.
Imbór, embora
Imbrucado, emborcado, debruçado, dei-
tado
Imbrul, embrulho. Dial. div.
Inchá, encher.
Includ, incluído.
Indól, baloiço. Do guz *hindolo*.
Inforcá, enforçar, enforçar-se
Injoelh, em joelhos, de joelhos, ajoelha-
do. Dial. nort. *insvelh*; dial. ceyl. *injoe-*
lho, *injivelho*, *injevejo*, *injivejo*; dial. mal.
injabel; dial. mac. *diselo*
Inquisilhá, quisilar. *Inquisilad*, zangado.
Islal, < *esselat*. q v
Jáèu, já veio Cf *faor*
Jard, vara (medida). Também em Gôa.
— Do ingl. *yard*
Jardinh, jardim
Jinel, janela. Dial. mac. e port. pop. *ji-*
nella.
Jesus, Jesus.
Jogalm, jogue. — Prak., sansk. *yogi*.
Julí, berço. — Do guz. *jholí*.
Junt d'elle, consigo
Juss, justo; justamente Cf *poss*.
Legarítis, lagartixa.
Lai, laia, especie, qualidade. Comm *Lai-*
las (subst. e adj.), variedade, variado,
diverso. Também no dial. mac.
Launtá, levantar-se. Dial. nort. Dial.
div. *lavantá*; dial. ceyl. *lantá*.
Leg, legua. Dial. nort. Cf. *eg*.
Lêr, leite. *Lêter*, leiteiro.
Lêião, leitão.
Língô, lingua. Dial. div., ceyl. e mac.
Log-log, logo logo.
Lulá, dificuldade de andar, entorpeci-
mento de pernas. — Do guz. *lulu* (adj.),
coxo, fraco.
Mal, mais; mas. *Mais* por *mas*: dial. nort.,
div. e port. arch. e pop. *Mais grand*,
mais velho.
Mainat, lavadeiro. Comm, também em
Macau — Indígena.
Mãe-II, tia materna. Dial. nort. Tam-
bém em Gôa.
- Maldiçoa**, amaldiçoar. Dial. ceyl
Mamá-grand, avó
Maá, *mand*, mana — Infl. da nasal ant.
Manguêrinh, mangueirinha. Diminut. de
manguêr (arvore)
Manjá, festa. — Do guz. *moy* ou *majho*?
Manjor, major. Dial. mac. Também em
Gôa.
Mantêg, manteiga
Marchá, andar. Comm
Marid-mulher, marido e mulher. conju-
gues.
Markit, mercado. — Do ingl. *market*.
Marrá, amarrar. *Mará*: dial. nort., ceyl
e mac.
Mátí, barro, terra vegetal. Comm; tam-
bém no dial. mac. — Prak., sansk. *mrit-*
tika.
Mê, mel, meio.
Mêandót, *mêndót* meia noite.
Mêdi, meio dia. *Mediu*: dial. ceyl. e mal.
e no Alemtejo
Mem', memo, mesmo.
Milhor, melhor.
Mim, *minho* (p. us.), minha, meu. *Mim*:
dial. nort., div. e mang
Minh junt, commigo. Dial. nort. *minha*
junta, *minha junto*; dial. mang. *minha*
junto. — Infl. indígena.
Minhor, melhor.
Miser, miseria.
Miserav, miseravel.
Mizinb, < *mezinha*: remédio. Comm. na
signif.
Morteng, macilento. — Do guz. *marantol*.
Mubil, mobilia.
Mucêd, *muxêd*, muito cedo. Dial. nort.
mucedo.
Mufinez, amofinação, ralação.
Mum, mão.
Munt, mut, muito. Dial. div. *munt*; dial.
mac. e mal. *muto*. *Munto* pop. no cont.
Muruch, murcho.
Nã, não. Dial. nort. Pop. no Sul do cont.
Nad, (*n'had*) não ha de. Quasi comm. (*nada*).
Naturez-marrad, prisão de ventre.
Neridad, necessidade
Negrinh, filha (termo fam.).
Ningô, ninguém
Niquer, não quer. Dial. mang. e coch.
Dial. nort. e ceyl. *minquer*
Nót, noite. Dial. mac. *nôte*. Vid. *anót*.
Notiç, noticia
Nou, novê.
Nuc, nunca. Dial. ceyl. *nuca*, *nucu*; dial.
coch. *nuca*
Num, não. Dial. nort. *num*, *nu*
Ocl, oculos. *Oclu* em Gôa.
Ont, hontem
Ord, ordem. Dial. nort.
O'ss, vós. Dial. nort. e div. *os*.
Otordí, outro dia.
Otr, *ót*, outro. Dial. mal. *óter*.
Otrban', outra banda
Pa, para. Dial. nort. Vid. *par*.
Pad, padre.

- Pagá**, apagar. Comm.
Pae-tiu, tio paterno. Dial. nort. Tam bem em Gôa
Pae-vô, avô paterno.
Palau, palavra. Dial. nort. *palau*.
Palmêr, palmeira; coqueiro.
Pândig, pandega.
Panhá, panhã, apanhar. *Panhã* comm.
Papary, pasta de farinha com especia- rias picantes. *P. parim* em Gôa. — Do guz. *papdi*.
Papiá, fallar; ralhar, gritar. *Papdi* por *fallar* comm. Do port. *papear*.
Parab, parabola. Dial. div.
Parqui, para que, porque. Dial. nort., div. e ceyl.
Patec, melancia. Comm. — Do arab. pelo port. arch.
Pequel, para aquelle, por aquelle.
Pessô, pessoa. Dial. coch.
Piplimãt, confeitos de hortelã pimenta — Do ingl. *peppermint*.
Pêt, peito.
Pireiz, preciso.
Pirdê, perder.
Pirguntá, perguntar.
Piquen', pequeno; baixo.
Piquinã', pequenino; mais novo
Pisial, < *p islai* < *pa-ess-lai*: para tal.
Pô, pôd, pode.
Poh, pobre. Dial. nort.
Pôo, pouco
Pórosã, < *par-ós*: para vós.
Port-port, de porta em porta.
Pôss, posto. Por assimil.
Prêl, para elle.
Press-press, muito depressa. Cf. *log-log*
Pressad, (subst.) pressa.
Profiã, porfiar.
Pro-si, para si; comsigo.
Pu, para. Dial. nort.
Pusã, poisar; pôr. Dial. nort. e mal
Quêt, quieto.
Quexá, queixar-se.
Qui, que; o que. Dial. nort. e coch
Quião, quinhão. Dial. div.
Quillai, como; quão, quanto. Comm —
 De *que e laia*.
Quisilh, quisilia. *Quisilha* em Gôa.
Rabjent, rabujento
Ramad, ramada; fatada. Dial. div.
Ramluã, raminho.
Rancá, arrancar. Comm.
Ranhã, arranjar. Dial. mac.
Rê, rei. Dial. mal.
Ré, (interj.) ó. — Prak. sansk. *ré*.
Recordá, acordar.
Redon', redondo.
Rependê, arrepender-se. Dial. ceyl. Dial. mac. *repondê*.
Rezão, razão. Comm. — Port. arch. e pop.
Rib, < em riba: em cima, sobre. Dial. nort. e mang. *Riba*: dial. ceyl., mac., singap — *Arriba* port. pop.
Riu, rio
Rôp, roupa. Dial. div. *Rôpêr* < roupeiro: fanqueiro. *Roupeiro* em Gôa.
Rôt < *rola*: rotim; bengala. Dial. nort.
Rota comm. — Do mal. *rotang*.
Rundad, ruindades; palavras sujas. Dial. nort. e div. *Rondade*: dial. ceyl e mac.
Rusar, rosario.
Sabrã, saberá.
Saguar, presente. Comm. — Do persa *saughât*, e não do sansk. *svâgata*, como me pareceu antes.
Sang, sangue.
Senta, sentar-se. Comm.
Sê, ser.
Secour, secura, sêde (desus.) Comm.
Semp, sempre. Dial. nort. Cf. *pop*.
Seresão, semrazão. Em Gôa *serasão*.
Sinhor, senhor. Comm. Port. pop.
Sinhorã, senhora.
Sintid, sentido.
Nirvir, servir.
Soldada, soldado.
Sultêr, solteiro.
Son', somno.
Su; sua; seu. Comm.
Subrin', sobrinho. Dial. mac. *subrinu*.
Sumbrêr, < sombreiro: guarda-chuva. Comm. na signif. — Port. ant.
Suprá, soprar.
Surjão, cirurgião. Também no Brasil.
Tã, está. Partic. do pres. indic. Dial. nort., div., mac. Occorre também no cont em proclise.
Tambrêr, tamborete.
Taelã', < *tantin'* < *tantinh'*: tantito, pou-
 cuchinho. Dial. nort. Dial. mal. *taninu*.
 Dial. div. *picinh*. *Tantinho* em Tras-os-
 Montes, segundo o sr. dr. Leite de
 Vasconcellos.
Tau, < *stay* < *estav*: estava.
Tê, tem. Dial. div. e de Cananor.
Tem, ter; ser, haver. Também *estar* como
 auxiliar: *tiuh ind* = estava indo, ia.
 Comm.
Temp, tempo; tempêro. Dial. mac. e mal:
tempra; dial. ceyl. *têmpêr*.
Temprad, (subst.) guisado de hortaliça.
 Dial. coch. *temprado*. Do *temperado*.
Testmunh, testemunha.
Tig, tigre
Tim, tinha. Em proclise.
Toca'-bôc. desenjoativo Comm. Ind.
 indigena.
Trau, trave.
Trelção, traição. Dial. ceyl. — Port. ant.
Troç, trouxe.
Tucã, tocar: fazer mal.
Tud, tudo; todo. *Tud doi*, ambos. *Tud dois*
 dial. div. *Tud doç* dial. mac.
Tumã, tomar.
Uã, papão — Do guz *hãu*.
Ulhá, olhar; ver. Dial. nort. *Ver* é des-
 sado nos crioulos, pela sua exiguidade
Un', sud, onde. Também *o'* Dial. mac
undi.

Urvalha, orvalho. Dial. div. *curuvalh.*
Ussê, você. Dial. nort. *ucé.*
Uvi, ouvir. Dial. mac.
Uva, uvas.
Vae, ir. Comm. Tambem em Macau.
Varj, varzea. Dial. mang.
Vaquih, vitella. Cf. *boisinh.*
Vê, vel, veiu.

Viaz, viagem. Dial. div. *dial. mac. viasi.*
Vidr, copo de agua. Comm. Por antonomasia.
Vigar, vigario, parcho.
Vislá, vigiar. Dial. ceyl.
Vistid, vestido.
Zap-Zup, (loc. adv.) de afogadilho. — Do guz. *jhap-jhap.*

SEBASTIÃO RODOLPHO DALGADO.



EDIÇÕES DA LIVRARIA J. LEITE

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS pelo famoso Classico Paulista MATHIAS AIRES. Reprodução photo-zincographica (fac-símile) da 1ª edição de 1752. Rarissima. 1 vol. B..... 15\$000

"Mathias Aires, o primeiro em data dos nossos moralistas e, com Machado de Assis, o mais fino e perspicaz da litteratura Brasileira. Viu as paixões crepitarem debaixo do sol, palpou-as curioso, pesou-as pacientemente, analysou-as... Guardou na memoria a somma das suas experiencias, e como sentisse necessidade de as transmittir, escreveu um livro delicioso." (RONALD DE CARVALHO).

"O livro de Mathias Aires é a affirmação de uma grande capacidade de pensamento e de um pensamento muito superior e muito humano. O Brasil tem talvez no insigne moralista, a sua maior gloria classica fóra da poesia." (ANDRADE DE MURICY).

"A lingua portugueza amplia-se sob a sua penna, e um milagre de plasticidade e elegancia, sempre muito limpida e apurada... para ler Mathias Aires o Dicc. não é preciso. As suas idéas derivam de um alto engenho que as fez profundas e verdadeiras." (BARBOSA LIMA SOBRINHO).

"...um dos classicos da nossa lingua e ecriptor dos de mais subido valor, entre os nossos, em todos os tempos. Ainda hoje, o seu livro... o colloca entre os raros pensadores que temos tido. Tem elle algo da bonhomia de Montaigne, lembra ás vezes o grande Pascal, pelo inesperado das conclusões. Psychologo de raça, nenhum no Brasil ou Portugal já o superou. Todo o homem de bom gosto, amante realmente das nossas letras, deve ler este livro, Mathias Aires faz jus a uma grande popularidade na sua patria." (JACKSON DE FIGUEIREDO).

"Não conheço em toda a litteratura portugueza outra obra no genero com o valor que tem esta... seu estylo até quasi que parece de hoje, muitas vezes; lembra, não raro, o estylo vivaz e mordente de Machado de Assis." (NESTOR VICTOR).

"Eis ahi um livro sério, que é, além de tudo, um compendio de moral... Mathias dá-nos a respirar o riso das flores e a ouvir a aiugria dos passaros... Meditando sobre esse manual de desillusão, eu tenho a alegria de amar esse velho e gentil mestre.... Quanto a mim, posso confessar mais uma vez que o amo, porque o acho delicioso. Elle me ensinou muitas cousas certas e justas. No meio desse vão passeio através de varias apparencias que é a vida dos homens, Mathias me deixou sentir, mais vivamente, os milagres luminosos da doçura, da sabedoria, da tolerancia e do perdão." (MUCIO LELAO).

"...é o seu engenho dos mais agudos e dos mais interessantes de seu tempo. Representa e'le, para a litteratura classica em Portugal, um desses postigos abertos sobre o mundo, no genero do que no seculo XVI haviam sido Sá Miranda ou Damião de Góes... escreveu obras em latim e em francez, manejando o vernaculo com a mais encantadora perfeição e a naturalidade elegante de quem tem muito que dizer e sabe mais do que escreve. Seu livro capital, essas célebres "Reflexões sobre a vaidade dos homens", ainda que tolhido por vezes pelo meio ambiente, não se apresenta como a longa homilia de um moralista aferrado a seus preconceitos, senão como o livre raciocinio de um psychologo agudissimo, que por vezes attinge a grandezza pascaliana... grande conhecedor da alma humana, que pôde ainda hoje ser lido com o mesmo encanto e proveito com que, em vida, se esgotaram quatro edições de sua obra.

A presente edição, fac-simile da primeira de 1752, é realmente um bello serviço ás nossas lettras." (TRISTÃO DE ABRAYDE).

"Em cerca de dois seculos (1580-1756) de litteratura, que neste volume historiamos, não encontramos escriptor tão ricamente dotado do poder de intuição e do de expressão como este esquecido paulista, que é de certo das mais valiosas contribuições do Brasil colonial para o cabedal litterario da metropole." (FIDELINO DE FIGUEIREDO).

"Realmente, quanto á forma as REFLEXÕES nos apresentam um modelo de vernaculo puro... Quanto aos pensamentos basta dizer que elles induziram varios criticos a comparar Mathias Aires a La Rochefoucauld." (*Gazeta de Noticias*).

SUMMA POLITICA — Pelo Bispo Conde D. Sebastião Cesar de Menezes. Reprodução "fac-simile" deste livro preciosissimo. Extremamente raro. 1 vol. B. 10\$000

"...verdadeiro monumento litterario". "O auctor foi notavel pe'a reputação gigante de sua sciencia politica." (CAMILLO CASTELLO BRANCO).

"Eu li bem devagar este livro... é sizudissimo, é c'aro, é breve. Juntar impossiveis." (D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO).

"Estylo claro, profundidade de conceitos, agudeza e concisão reunidos á perspicacia e rigorosa elegancia, formam no juizo dos bons entendedores o caracter desta obra." (INNOCENCIO).

"Ainda hoje ganhará o homem de estado que dê algumas horas de attenção a um velho e nobre livro portuguez a "Summa Politica", do Sebastião Cesar de Menezes, ultimamente, formosamente reeditado, nesta Capital, pela Livraria J. Leite, sob os cuidados do eminente bibliophilo, Sr. Dr. Saldonio Leite." (JACKSON DE FIGUEIREDO).

"Não cabe nesta breve noticia tratarmos dessa obra celebre, que demanda um estudo acurado e percuciente, para melhor realçar o seu merito excepcional. O nosso intuito é registrar aqui a excellente impressão causada pe'a leitura dessa admiravel resurreição bibliographica, de que os editores souberam brillantemente dar um relevo invulgar, com uma reimpressão "fac-simile", nitida e bellissima, que delicia a vista do leitor e lhe enleva o espirito. No nosso meio esse genero de edições é uma novidade, um esforço digno dos maiores encomios, um requinte de arte graphica, que merece um elogio caloroso, para que este surto artistico na industria livresca opere a transformação e desperte ao publico o interesse que ella merece." (*Gazeta de Noticias*).

DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA, de Saldonio Leite, 2ª edição augmentada, posta de accordo com o Código Civil e seguida da jurisprudencia em ordem alphabetica. 1 vol. B. 10\$000

Carta do eminente Jurisconsulto — Dr. J. X. Carvalho de Mendonça.

